Cronicar IV

Olhares, sentimentos e lugares

Organizadores

Marcos Baltar
Alexandre Bergamo
Carla Cerdote da Silva
Elizabete Gomes
Fanny Vidigal de Paula
Jerusa Marchi
Juliana Blau
Milton Luiz Horn Vieira
Yara Menegatti

CRONICAR IV:
olhares, sentimentos e lugares

Organizadores

Marcos Baltar
Alexandre Bergamo
Carla Cerdote da Silva
Elizabete Gomes
Fanny Vidigal de Paula
Jerusa Marchi
Juliana Blau
Milton Luiz Horn Vieira
Yara Menegatti

CRONICAR IV:
olhares, sentimentos e lugares

Florianópolis

2013

© 2013 Universidade Federal de Santa Catarina. Biblioteca Universitária
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida desde que citada a fonte.

Catalogação na fonte elaborada pela DECTI da Biblioteca Central da UFSC

C947 Cronicar IV : olhares, sentimentos e lugares / organizadores: Marcos Baltar... [et al.]. – Florianópolis: UFSC - Biblioteca Universitária, 2013.
169 p. : il.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-65044-09-7

1. Crônicas catarinenses. I. Baltar, Marcos. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Biblioteca Universitária.

CDU: 869.0(816.4)-94

Créditos

Realização Universidade Federal de Santa Catarina
Secretaria de Gestão de Pessoas
Departamento de Desenvolvimento de Pessoas
Coordenadoria de Capacitação de Pessoas
Gabinete do Reitor. Biblioteca Universitária
Revisão: Ana Luiza Nunes dos Santos e Carlos Borges da Silva Júnior
Fotos: Alexandre Bergamo
Normalização e diagramação: Yara Menegatti
Capa: Natália Ordobás Bortolás
Imagem da capa: detalhe de “Bandeira do Divino” (2013), de Neri Andrade. Acervo do artista.

O que a memória ama fica eterno.

Adélia Prado

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **13**

PARTE I: CRÔNICAS

DESENCONTROS URBANOS.....**19**

Alexandre Bergamo

DO CONTINENTE À ILHA E VICE-VERSA **23**

André Tiago Dias da Silva

PEDRAS E MAIS PEDRAS..... .Erro! Indicador não definido.

Anita Regina Burato Mauricio

A ESMERALDA SEM ESMERALDAS ... Erro! Indicador não definido.**29**

Bibiana Sgorla de Almeida

A BRUXA DA LAGOA.....**31**

Camila Maria de Souza Oliveira

O SOL SE VAI LEVANDO AS DESILUSÕES **33**

Claudio Marcio Araujo da Gama

UM BAIRRO, VÁRIOS MAL-ENTENDIDOS.....**35**

Evandro Machado Fernandes

UM BAIRRO EM AFUNILAMENTO ..... Erro! Indicador não definido.**37**

Graciela de Conti Pagliari

DA TERRA DA GAROA AO MANGUE **39**

José Alcino Furtdo

AS PIPAS DIFERENTES..... Erro! Indicador não definido.**43**

Jose Ricardo Vieira Neto

CONSPIRAÇÃO COTIDIANA..... Erro! Indicador não definido.**45**

Leny Wachoski Fletes

RIO VERMELHO, UM PEDACINHO DE TERRA PERDIDO NA ILHA DA MAGIA 47

Lilian Cristiane Silva de Oliveira

O MEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO.....49

Manuela Coelho Perez

AS VÁRIAS SANTA MARIA. Erro! Indicador não definido.**53**

Marcelo Arend

ARIRIÚ DA FORMIGA: TÃO LONGE E TÃO PERTO...57

Mariana Wagner da Silva

FLORIANÓPOLIS, RIO GRANDE DO SUL, TUDO A MESMA COISA!..... Erro! Indicador não definido.**59**

Nitonl Jorge de Quadra

PONTO DE REFERÊNCIA.... Erro! Indicador não definido.**63**

Raquel Bernadete Machado

A INCRÍVEL SALA DOS CONSELHOS 67

Renata Brocker

FLORIANÓPOLIS UM PEDACINHO DO CONTINENTE.....71

Ricardo Junkes

NOSOCÔMIO 73

Ricardo Luiz Akira Nishimura

FLORIANÓPOLIS: O BRASIL COMEÇA DEPOIS DA PONTE.....77

Ronivaldo Steingraber

CURIOSIDADES SOBRE A CIDADE NATAL.....81

Rosana Debiasi

A ESTRELA DA CAIXA D'ÁGUA.....85

Rosembergue Souza

EXPECTATIVA.....87

Vanessa Almeida de Oliveria

A RUA QUE TRADUZ A CIDADE.....89

Yara Menegatti

PARTE II: AUTORES.....91

POSFÁCIO.....169

APRESENTAÇÃO

Este *livro* foi produzido pela turma 01/2013 do curso de Leitura Crítica e Produção Textual oferecido pelo Programa de Capacitação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por intermédio da Coordenadoria de Capacitação de Pessoas do Departamento de Desenvolvimento de Pessoas, da Secretaria de Gestão de Pessoas (CCP/DDP/SEGESP/UFSC), entre aulas presenciais e virtuais, oportunizando exercitar o servidor da UFSC na leitura crítica e na produção escrita de diversos gêneros discursivos. Partiu-se do pressuposto de que a comunicação oral e escrita, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal, faz parte do dia a dia de todos e, por isso, é importantíssima, pois é por meio dessa competência que conseguimos interagir, trabalhar, viver e conviver.

Cronicar é um livro que foi escrito num momento em que o conceito de capacitação na UFSC começou a ser reengendrado, o espaço *desterritorializado*, o tempo flexibilizado, e o servidor passou a ser visto como um sujeito autoconfiante, autorreflexivo e atuante, dotado de um nível de reflexão conceitual no qual lhe é permitido criatividade, liberdade, reinvenção.

Portanto, este projeto, já no seu quarto livro, continua sendo um libelo contra as quimeras preconcebidas acerca do servidor público – aquele que só faz o operacional, podendo também ser considerado como uma fonte de referência de tudo que esse mesmo servidor sabe e pode dizer. Do além que pode chegar, do quão por meio da sua escritura textual pode quebrar a chara do “não sei escrever”, do quão cada letra posta com outra vai compor a alegoria da sua crônica travestida pela

subjetividade *versus* o fato, podendo vir a afirmar: “Sim, eu posso cronicar!”.

Os autores – servidores da UFSC –, nesta obra que sai em formato impresso e eletrônico – *E-Book* – emblematicamente intitulado *Cronicar IV*, consolidam uma experiência de escrita dos gêneros crônica e autobiografia, posta para além da *performance* imediata de um aluno escritor.

O projeto alça voo, visita lugares, capta olhares e mostra sentimentos diversos aos que se deixam envolver pelo verbo Cronicar. Esta obra também traz as autobiografias dos cronistas, as quais, ao se mesclarem às crônicas, promovem uma nova relação entre leitor, texto e autor. Esta relação de interlocução do leitor com o autor, por meio da história de vida de leitura do cronista, sugere novos movimentos dialógicos, reflexivos e afetivos.

Vinte e seis crônicas e vinte e seis autobiografias compõem os acordes dessa sinfonia textual que foge das veredas formais, quebra a senda do *déjà vu*, e põe à prova estilos e linguagens: uma sinfonia que exterioriza o canto *ufsquiano*.

Sim, aqui na UFSC continuamos dizendo eu cronico tu cronicas, nós cronicamos!

Há cronistas que revelam seus (des) encontros quando viajava de ônibus. “Certa vez sentou ao meu lado um rapaz que olhava para meu livro o tempo todo, como se esperasse uma pausa minha para poder falar”. Há os que preferem ir correndo ou de bicicleta, pois são as melhores alternativas e as mais rápidas também, para se chegar ao trabalho. Uma constata: “esta manhã, ao entrar na estrada principal do Córrego Grande, tive a nítida sensação de estar engarrafada. Sabe sardinha em lata?” E outra conclui: Planejar não seria mais fácil? “Agora estamos aí, na tentativa de desenvolver um projeto de duplicação de ruas ao

redor da UFSC". Ah! Florianópolis: as pessoas confundem a ilha e suas belezas com a cidade. A cidade não é só ilha: "num pedacinho do continente também existem bons restaurantes, parques, praias, tradição, edificações históricas... Ilha da Magia? Os incautos nem se dão conta de que essa cidade ganhou essa alcunha devido à crença de seus nativos em lendas bruxólicas, maldições e atividades paranormais. O povo antigo da Lagoa conta que, lá atrás daquela casa linda na Servidão do Miguel, vivia uma bruxa que se transformava em borboleta assim que alguém chegava perto. Além dessas histórias há muitos mal-entendidos, desde denominação do bairro hoje conhecido como Carvoeira, até a lenda de que Florianópolis, Rio Grande do Sul é tudo a mesma coisa! O cronista não aceita e interpela: "Tax tolo, ô ixtepô!" "Ólhó-lhó-lhó!" "Parece que não reza, ô"! Dependendo do "Ponto de referência" o Rio Vermelho pode ser, para alguns, o fim do mundo, ou para outros, um mundo a parte. De acordo com suas "expectativas" e se você procura o "êxtase", "o transe", tudo pode ser detalhe diante do grande objeto focal – o pôr do sol; que, dizem os físicos, pouco é, além de uma ilusão de ótica. Diante da janela de sua casa um cronista saudoso contempla as crianças soltando pipa. Quem se daria conta dessas coisas, se não conjugássemos o verbo cronicar?

Tem dias em nossas vidas que tudo acontece como se fizesse parte de uma "Conspiração!" Por exemplo, alguém lhe diz que mora perto de um "banco redondo", você procura uma instituição bancária e depois descobre que era um banco de sentar. Alguém lhe informa que o RU fica atrás do "elefante branco" e você descobre que não se trata de uma estátua de elefante, mas de um modo que o pessoal da UFSC tem de se referir ao Centro de Eventos. Se você for à "Incrível Sala dos Conselhos", onde estão as atas das reuniões do Conselho

Universitário de 1961, quando foi construído o atual Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, talvez você encontre explicação para isso tudo. Ou, se não, caso sinta algum desconforto, pode ir buscar ajuda no “Nosocômio”.

Saindo dos limites da Cidade Universitária, chega-se à Esmeralda cuja economia da cidade nada tem a ver com extração de pedras. Criciúma com suas minas: a Mina Modelo, a Mina de Visitação Octávio Fontana. De Tubarão o cronista traz na memória a “estrela da caixa d’água” que representava paz e alegria para a comunidade. Indo por Tubarão, chega-se a Anitópolis. Se viajarmos mais ao sul chega-se a cidade de Santa Maria da Boca do Monte, que recebe essa alcunha, por situar-se em uma região cercada por morros. De volta à Santa Catarina chega-se ao “Aririú da Formiga”, que, segundo o cronista, ainda tem aquele mercadinho de bairro, em que os mais antigos moradores têm a sua conta em caderneta para pagamento no final do mês.

Muitos cenários, Muitos olhares, muita emoção! Visto daqui da UFSC, da ótica do Cronicar, a vida é bem mais interessante.

Boa leitura a todos!

Elizabete Gomes e Marcos Baltar

PARTE I

CRÔNICAS

DESENCONTROS URBANOS

Alexandre Bergamo

"Meu pai morreu porque era alcoólatra". Eu não poderia ficar indiferente à morte do pai daquela moça, nem ao fato de que ela estava ali, ao meu lado no ônibus, tentando desabafar com um completo estranho. Fechei o livro que estava lendo para ouvir. Quando entramos em um ônibus, pensamos apenas no trajeto e no tempo que temos pela frente, não que ali histórias acontecem. Demorei a perceber que ali histórias se desenrolavam, uma a uma, apesar de parecer aquele um lugar tão improvável para isso. Quando, enfim, percebi, pude participar, como ouvinte, de várias. Algumas foram contadas a mim diretamente, outras eu ouvia simplesmente porque estava próximo de seus narradores e personagens.

Não tinha ideia de que, ao tornar-me professor, passaria minha vida entre cidades e empregos. Minha própria vida se desenrolou, durante muitos anos, dentro dos inúmeros ônibus que me levavam de uma cidade a outra, de um emprego a outro. Um motorista, certa vez, veio falar comigo, brincando, que eu deveria ter mais horas de estrada que ele. Era bem possível que fosse verdade. Os empregos mudavam e as cidades também. Mais estradas, mais horas de ônibus. Contudo, foi uma vida vivida como prisioneiro. Eu estava obrigado, por força da necessidade, a passar longas horas ali preso, caso quisesse garantir meu ganha-pão.

Nessas viagens iam trabalhadores, como eu, alguns estudantes e bastante gente solitária. Muita mesmo. Como meus trajetos eram longos e demorados, tentava aproveitar o máximo do tempo ali dentro para trabalhar. Preparava aulas, corrigia

trabalhos e escrevia. Mas ao meu lado muitas vezes sentavam pessoas que “precisavam” falar. Percebi, com o tempo, que era importante para as pessoas conversarem com alguém que elas nunca mais encontrariam. E nem precisariam perguntar o nome.

Certa vez, sentou ao meu lado um rapaz que olhava para meu livro o tempo todo, como se esperasse uma pausa minha para poder falar. Naquele dia eu tinha muito para ler, então não fazia pausas. Mas o ar-condicionado estava desligado, e me levantei para pedir ao motorista que o ligasse. Quando voltei, antes que tivesse tempo de pegar meu livro de volta, o rapaz disparou a conversar. Ouvi longamente sobre sua pesquisa de mestrado em literatura de língua espanhola. Sobre personagens que entravam e saiam dos romances, sobre as formas de citação dos autores.

Um senhor conta, para o passageiro sentado a seu lado, que sabe que a mulher o trai. Como ele sabe algo que ela desconhece, ou seja, que ele tem conhecimento de sua traição, era ele quem se sentia um traidor. E dizia, com orgulho, como era muito mais esperto que ela.

Uma psicóloga que trabalha com meninos de rua me fala das dificuldades para mudar a vida dessas crianças. Não porque elas não mudam, mas porque as condições delas não sofrem qualquer alteração. Elas continuam sendo agredidas, diariamente.

A cantora lírica passa mal do estômago. Algo que ela comeu não lhe fez bem. Por sorte, tinha um antiácido comigo.

O peão de rodeios fala do primeiro carro que conseguiu comprar montando cavalos.

Uma moça, bastante jovem, conta-me que vai encontrar o noivo, de mais ou menos uns sessenta anos, e que sempre

gostou de homens mais velhos, muito velhos, desde que entrou na adolescência.

Um senhor idoso acorda todas as pessoas ao entrar, durante a noite, para cumprimentar e apertar a mão.

Uma mulher fala, quase chorando, que ficou presa no banheiro por quase duas horas, que gritava e batia tentando chamar alguém, mas ninguém a ouvia.

Outra, que está separada do filho pela justiça.

Um dos motoristas é fã do Jackie Chan e traz, todas as semanas, os filmes que ele grava no SBT para passar na TV. Graças a esse motorista, pude ter contato com parte considerável da filmografia do ator.

Outro motorista vai acordar um passageiro para descer, porque havia chegado seu destino, mas este morrera enquanto dormia. Temos que esperar a remoção do corpo para continuar seguindo viagem.

A garota de programa me conta que não gosta de transar com homens, que prefere quando os clientes pagam para vê-la com suas amigas.

Uma comissão feminina de representantes sindicais dos carteiros, indo para um encontro em Brasília, conversa sobre cartas, chuvas, sol e cachorros.

Uma estudante de medicina me dá detalhes, tristes, do Hospital Universitário.

Uma enfermeira da UTI pediátrica conta do sofrimento que é o seu trabalho, de ter que ver crianças morrendo todos os dias.

Por ser local ao mesmo tempo de encontro e de desencontro, o ônibus tornava-se um lugar insuspeitamente peculiar. As pessoas sabiam que estavam só de passagem.

DO CONTINENTE À ILHA E VICE E VERSA

André Tiago Dias da Silva

O caminho do Estreito, onde moro, à UFSC, onde trabalho, pode ser feito de diversas maneiras, mas eu prefiro ir correndo ou de bicicleta, pois são as melhores alternativas e as mais rápidas também.

Inicio o percurso logo na beira-mar continental, onde encontro várias pessoas: aquele senhorzinho que sempre usa sua camisa amarela nas caminhadas matinais, o pai que leva sua filha de bicicleta para a aula, o casal que costuma namorar no banquinho próximo à ponte Hercílio Luz e até o amigo da Comcap que comprou uma bicicleta elétrica para ir trabalhar. Já estou sob a ponte Pedro Ivo Campos. Ali estão muitos pescadores tentando fisgar o peixe de cada dia. Deve valer a pena, pois estão sempre por ali. Na beira-mar norte, grupos de corrida e caminhada já treinam forte, aquele cachorro que sempre costuma brincar no gramadinho próximo ao Bar Koxixos está lá com seu dono, o vento sul começa a apertar e logo vem aquela mamãe correndo com o carrinho de bebê preparado com rodas de bicicleta aro 16. Deve correr uns 10 quilômetros, e o bebê já está bem maior desde a primeira vez que o vi. Próximo ao manguezal do Itacorubi sempre passo por uma menina que vem no sentido contrário com uma bicicleta barra circular modelo da década de 70, de cor verde, sempre fico imaginando pra onde ela deve ir. Já está na hora de tomar um pouco de água, antes de subir a passarela e apreciar aquela linda vista do mangue e logo já encontro a turma da bike conversando. Sigo em frente e já estou próximo do meu destino, mas longe do fim, porque depois de um dia de trabalho preciso

retornar e encontrar outras pessoas com os mesmos costumes. Afinal, não podemos ficar parados.

PEDRAS E MAIS PEDRAS

Anita Regina Burato Maurício

Pedras Grandes, que de grande tem somente uma pedra e o coração de sua gente. O centro da cidade tem algumas ruas, uma igreja, um banco, a prefeitura, um clube recreativo e algumas casas. Dos seus mais ou menos cinco mil habitantes, apenas 15% mora no centro. O município localiza-se quase no sopé da serra do Rio do Rastro, rodeada de morros, entre Tubarão, Orleans, Urussanga, São Ludgero, Treze de Maio, Morro da Fumaça e Cocal do Sul.

Todos se conhecem. As pessoas, a grande maioria descendentes de italianos, "Tutti bonna gente!", são comunicativas e quando começam a falar não param mais. E como têm assuntos! São muito bem informados.

Foram notícia, há pouco tempo. Justo em uma cidade pacata, de gente tão honesta, que ainda acredita na palavra. Alguns espertinhos, funcionários do Banco do Brasil, aplicaram o golpe na poupança do pessoal. E como não podia deixar de acontecer, alguns meios de comunicação noticiaram até a quantia que possuíam os lesados. Nada que interessa a bandidos, claro. Fiquei preocupada.

Indo por Tubarão, o acesso é fácil, com estradas calçadas ou asfalto, margeando pela direita do rio, em meio a muito verde, plantações de fumo, hortaliças e pasto de gado. Quando avistamos um morro íngreme já estamos no centro da cidade. Esse morro, chamado de Morro da Santa, na verdade é uma pedra que se for deitada abarca todo o centro da cidade e mais um pouco. Parece o Pão de Açúcar. Dela foram retiradas as pedras para a antiga estrada de ferro "Tereza Cristina". Seus

trens serviam de transporte de passageiro e carregavam o carvão de Lauro Müller para o Porto de Imbituba e de Laguna. A vista desse morro é imperdível. Depois de uma subida, que não é fácil, chegamos à gruta de Nossa Senhora da Salete e avistamos toda a cidade e os cumes da Serra Geral.

Dois rios sempre foram essenciais para Pedras Grandes. O Rio Azambuja, que nasce pelos lados de Urussanga, e o Rio Tubarão que nasce na Serra Geral. O Rio Azambuja, mais preservado e menor, desemboca no Rio Tubarão, bem no centro da cidade. Vivemos a enchente de 1974. O Rio Tubarão simplesmente virou um mar. Tudo levava pela frente. As pessoas correram para os morros, mas dos morros também começou a descer água, terra e pedras. Do Morro da Santa desceram várias barreiras. O susto foi grande, os estragos ainda maiores, mas ninguém morreu. Todos se ajudaram e todos nos salvamos.

É uma cidade voltada para a agricultura familiar. As localidades rurais se espalham em volta de seus morros de terra fértil, onde tudo o que se planta dá. Uma das localidades mais conhecidas é Azambuja. Primeiro núcleo de imigrantes italianos do Sul de nosso Estado. Origem de muitas famílias que hoje estão à frente do nosso desenvolvimento. Seu vinho é famoso e muita coisa de nossos ancestrais ainda pode ser encontrada por lá. Quando da festa do vinho, ou Festa da Uva Goeth, vale a pena conhecer a culinária. Não faltará a polenta e o queijo que somente eles sabem fazer. Os parreirais de uva são algo de outro mundo. O capricho, o trabalho desses colonos, a simplicidade do acolhimento é inacreditável. Ainda possuem engenhos (tafonas) de farinha e cana-de-açúcar, tocados a boi, ou roda d’água. O vinho não se tritura mais nos pés, contudo o vinho artesanal

ainda é produzido. Mas cuidado, parece um suco e quando nos damos conta, já estamos “pra lá de Bagdá”.

A cidade está rodeada de estâncias de águas termais. A de São Pedro em seu município, a da Guarda e Rio do Pouso em Tubarão, a de Gravatal. Com exceção das Termas de São Pedro que está desativada, todas são visitadas por muita gente, para lazer e tratamento de saúde.

A cerração no centro da cidade no inverno é uma maravilha. O sol só aparece perto do meio dia, em muitos dias. O sossego é total.

Quanto às pedras, todo o trajeto do Rio Tubarão que corta as encostas de Pedras Grandes é margeado por elas, inclusive seu leito. Encontramos bem pouca areia. São pedras arredondadas que se assemelham a ovos. Totalmente lapidadas, lindas. Ultimamente, dragas retiram essas pedras que são levadas de caminhão. Parece que quanto mais tiram mais aparecem. Não sei. Sei que o Rio não é mais o mesmo de antes. Está baixo e acuado. Prova de que a nossa água potável está acabando.

Poderia falar de Florianópolis, onde vivi e trabalho. De Laguna, terra da minha “xará” e de meu marido. De Palhoça, onde moro. Mas voltei a Pedras Grandes, onde as pedras rolam e se lapidam constantemente. Essas pedras não me viram nascer, mas me viram crescer. Quando passo em lugares onde usam pedras arredondadas na decoração de jardins, logo me pergunto se não são minhas antigas conhecidas de “Big Stones”.

A ESMERALDA SEM ESMERALDAS

Bibiana Sgoela de Almeida

Quando as pessoas descobrem que você nasceu em uma cidade chamada Esmeralda, logo pensam que é um lugar cheio de minas de pedras preciosas. Não é bem assim! A minha Esmeralda não tem minas. Tampouco pedras preciosas. Talvez essa confusão se deva a outra cidade com nome de pedra preciosa, Ametista do Sul, também no Rio Grande do Sul. A diferença é que Ametista do Sul tem pedras preciosas. Ou melhor, semipreciosas. Esmeralda não tem.

A verdade é que Esmeralda nem sempre se chamou Esmeralda. A vila que deu origem à cidade se chamava São João Velho. São João, nome do padroeiro da localidade. Velho, o sobrenome do doador das terras que deram origem à praça da vila, Antônio Joaquim Velho. Um lugar novo, com um nome já velho.

Dizem que a ideia da mudança do nome para Esmeralda partiu de um médico que atendia na localidade, Antônio Dias Fernandes. Contam por lá que esse médico tinha um anel de esmeraldas. E que quando por lá passava, dizia que, se algum dia trocassem o nome da localidade, que fosse para Esmeralda! Pois o verde dos campos e das matas de pinheiros abundantes lembrava a cor da pedra do seu anel. Para sorte do lugar ou para o início das confusões quanto às atividades locais, a sugestão foi aceita. Ahá! Está aí o motivo nada óbvio do nome de Esmeralda!

No entanto, para o caso de algum garimpeiro ainda desavisado chegar por lá, é bom deixar claro que a economia da cidade é baseada na agropecuária. Na agropecuária! Não! Já

disse! Não tem garimpo! O que será necessário “garimpar” para serem vistos são os verdes campos e matas que deram nome à cidade. Hoje, o verde que ocupa as paisagens é o das infindáveis plantações de soja e pastagens de gado. Os verdes campos e matas se tornaram tão raros quanto as esmeraldas.

Esmeralda é uma dessas cidadezinhas pacatas que contrastam com a correria dos grandes centros. Lá o tempo transcorre em um compasso diferente. Passa devagar. Às vezes se arrasta... Nas noites de inverno em que o minuano assobia forte e frio se pode sentar na frente de uma lareira acesa, jogar conversa fora e comer os pinhões das poucas araucárias que ainda restam por lá, sem se preocupar com o passar das horas. Sem se preocupar com as horas! Talvez esteja aí, a tal preciosidade.

A BRUXA DA LAGOA

Camila Maria de Souza Oliveira

Devagar, menina! Senão vai ralar os joelhos! Na comunidade antiga da Lagoa da Conceição costuma-se ouvir as mães e avós gritando das janelas para suas crianças tomarem cuidado ao descer correndo as quebradas. Mentira! Talvez não seja tão comum, mas as lembranças criam um distinto véu que maquia a realidade. *A Dona Alci sempre gritava; decerto as outras também, não?*

A Lagoa é um lugar pacífico, lugar de gente simples, que pesca o peixe do almoço e o camarão da janta. E porque não, lar da gente que também se arrisca em suas águas tranquilas tarde da noite em busca de siris. Terra das rendeiras, que dispõe seus bilros às portas das dunas para ver o movimento passar. E a vida passa mesmo, diante de seus olhos. *Olhó, lá se vai a Maroca... ainda ontem estava banguela. Como crescem rápido hoje em dia! Andava por aí cismada com uma bruxa que a seguia por onde quer que fosse... coisa de criança!*

O povo antigo da Lagoa (e também do Canto, da Quebrada, do Morro do Badejo) conta que, lá atrás daquela casa linda na Servidão do Miguel, vivia uma bruxa. Essa bruxa, muito esperta, transformava-se em borboleta assim que alguém chegava perto. Tudo isso pra atrair os desavisados, assim como fazia desde a época que chegou de navio com os primeiros colonizadores açorianos. *Cuida que ela não é boba,* dizia a avó da Maroca. *Se te pega sozinha, ela te leva lá pro topo da Figueira e lá ficas. Nem adianta gritar, porque ela não deixa ninguém te ouvir.*

Os moradores contam que a Maroca gostava de brincar de escoteiro pelos córregos da Lagoa, bem do lado da gigante Figueira e bem na área onde a tal borboleta-bruxa costumava aparecer. Metida, quando viu uma borboleta muito grande, com duas manchas enormes nas asas, fazendo as vezes de olhos, não perdeu tempo e gritou com o irmão: *Corre já pra casa, Rodrigo! Cansei dessa bruxa atrás de mim. É hoje que eu a pego!* E lá se foi o Rodrigo, correndo apavorado e chamando a avó, enquanto a Maroca sumia na mata atrás da tal borboleta. Depois disso só se sabe que a avó chegou em tempo de encontrar a Maroca descendo a velha Figueira e mais calada que de costume. E nada, nem ninguém, fazia com que a banguela contasse o que havia acontecido. Virou história na Lagoa inteira, dessas que o povo gosta de contar enquanto come pirão com peixe frito.

Se é verdade ou não, não importa. A Lagoa é desses lugares mágicos, onde fantasia e realidade se misturam. Quando se senta na beira das águas calmas, olhando as dunas lá atrás, e se pensa nas lorotas contadas pelo povo simples, a gente chega a uma conclusão: *Pros diabos se não aconteceu! O que eu quero mesmo é descobrir onde fica essa tal Figueira pra ir lá dar uma olhada de perto...* E assim a tradição se mantém forte nessa terra de pescadores tomada cada dia mais pelo estrangeiro. Mas não se engane. Ainda tem muita gente que vê uma dessas borboletas e solta um sorriso involuntário, pensando no falatório da rendeira dos bilros e na pobre da Maroca.

O SOL SE VAI LEVANDO AS DESILUSÕES

Cláudio Marcio Araújo da Gama

Em uma praia na região Sul do Brasil o sol se põe. Praias são muitas e o sol, único. Aquele pôr do sol que encerra mais um dia não teria algo de tão especial se não uma ilusão. Uma ilusão que deixa céu e mar vermelhos ou alaranjados. Deixa o ambiente nem tão quente, nem tão frio, em temperatura agradável para que o desconforto térmico não tire a atenção do crepúsculo. Enquanto uns observam o sol se pôr, outros aproveitam a iluminação natural para fazer registros fotográficos de casais de noivos, de turistas, do mar... Tudo é detalhe diante do grande objeto focal: o pôr do sol.

Aquela imagem do sol se pondo, dizem os físicos, pouco é além de uma ilusão de ótica. Quando a imagem do sol ainda é realmente visível, ao mesmo tempo é agressivo aos olhos nus. Quando é visível e belo, já é uma imagem virtual produzida através do fenômeno físico da refração de uma pequena parte da luz que vem do sol. A refração é um fenômeno de desvio de uma parte da luz quando ela viaja em outro meio. Enquanto viaja no vácuo do espaço, vem em linha reta. Quando entra na atmosfera, sofre um desvio que produz efeitos visuais que conhecemos como o pôr do sol.

Tudo bem. Estou convencido de que é uma ilusão de ótica. Mas vá dizer isso para quem espera a tarde cair na praia de Cacupé, cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. O sol não estava mais lá, mas todos viram-no se pondo atrás das montanhas do continente. Todos acreditaram que era ele ou não acreditaram que era apenas uma ilusão? Uma ilusão de ótica... Que importância tem isso? Diante de um cenário deslumbrante

como aquele, que importância tem se era o sol mesmo ou uma ilusão de ótica? Para dizer a verdade, nem era ele que se foi. Foi o solo que se moveu e escondeu aos poucos os observadores à sombra das montanhas. Também pouco importa essa verdade física, geográfica ou astronômica. O que os olhos viram foi o suficiente para acreditar que naquele horário o sol se pôs e levou com ele as desilusões que um dia cheio de luz e de ilusões.

UM BAIRRO, VÁRIOS MAL-ENTENDIDOS

Evandro Machado Fernandes

Grande parte dos moradores de Florianópolis saberia prontamente localizar no mapa da cidade o bairro Carvoeira. Principalmente aqueles que moram, estudam ou trabalham nas proximidades da Universidade Federal estão bastante familiarizados com esse bairro e seu nome. O interessante é que a Carvoeira só passou a existir oficialmente como bairro a partir de janeiro deste ano. Até então, a história desse lugar foi marcada por inúmeros mal-entendidos.

O nome Carvoeira teria sido citado pela primeira vez de forma oficial pelo famoso escritor Virgílio Várzea em meados dos anos 20 do século passado, identificando o bairro com a atividade de produção de carvão vegetal que era comumente praticada nessa época ao longo do caminho que ligava os bairros Saco dos Limões e Trindade, hoje conhecido como Rua Capitão Romualdo de Barros. Restaram pouquíssimos vestígios dessa tradição rural do bairro, mas o nome ficou no imaginário da população e foi preservado pelos antigos e novos moradores. Até então, o mal-entendido dizia respeito somente à existência de um nome para um bairro que não existia oficialmente.

Com a instalação do campus da Universidade Federal e da Eletrosul, em terrenos nos bairros da Trindade e do Pantanal respectivamente, o bairro Carvoeira começa a ser procurado por estudantes e funcionários de ambas as instituições para fins de moradia. A rua Capitão Romualdo de Barros foi sendo povoada e, a partir dela, os morros adjacentes. Sobre o morro situado entre o campus da UFSC e o Saco dos Limões, conhecido como Morro da Carvoeira, foi criado um loteamento que impulsionou

o crescimento da região. O empreendimento inicialmente recebeu o nome de Loteamento Tercasa, que mais tarde seria alterado para Loteamento Jardim Cidade Universitária, nomes que foram muitas vezes utilizados para tentar dar nome à região na falta de uma denominação oficial.

Com o passar dos anos, as indefinições abriram espaço para várias tentativas de emplacar um nome oficial para região. Muitos viam a região como uma parte do bairro Pantanal, outros como uma extensão da Trindade. Oficialmente a Carvoeira pertencia ao Saco dos Limões, mas essa situação nunca refletiu o sentimento da população.

É interessante notar que, mesmo não existindo oficialmente, o bairro vinha sendo bastante requisitado na região e não raro moradores de áreas da Serrinha (que também não existe como bairro oficialmente!) e do Saco dos Limões identificavam-se como moradores da Carvoeira.

Finalmente, no início do ano de 2013, o bairro foi oficialmente criado. Cabe ao futuro nos dizer se com isso os mal-entendidos em relação ao seu nome e limites chegaram ao fim.

UM BAIRRO EM AFUNILAMENTO

Graciela de Conti Pagliari

Esta manhã, ao entrar na estrada principal do Córrego Grande tive a nítida sensação de estar engarrafada. Sabe sardinha em lata? Pois é, o que nós, moradores e passantes desse bairro, estamos nos transformando. Ironicamente, nem o córrego é grande. E sei lá se algum dia o foi. O certo é que hoje não o é, pelo menos na parte que conheço.

Voltando à sardinha em lata, não sei por que especialmente hoje me senti assim. Afinal, o congestionamento tornou-se corriqueiro em qualquer dia e em quase qualquer horário. Congestionamento de carros, que fique bem claro. Porque não há congestionamento de boas ideias, de bons cidadãos, de inovadoras soluções. Nesse quesito é "sempre mais do mesmo".

Mas por que mesmo estou lamentando? O dia está lindo, o sol brilha, o céu é azul (apesar do Gauchão novamente ser do Inter) e eu poderia ter ido a pé ao trabalho. Por que mesmo não vou caminhando? Lembrei! Porque somos todos boçais, reclamamos dos mesmos erros que continuamos repetindo e repetindo numa ciranda interminável. E aí haja tinta e papel para lamentos!!!

DA TERRA DA GAROA AO MANGUE

José Alcino Furtado

Nasci em São Paulo, capital. Minha mãe sempre me conta a história daquela noite. Segundo ela, foi uma noite terrível, o trabalho de parto foi complicado, e, como se isso não fosse suficientemente ruim, caia uma tempestade torrencial. Desde então, vi muitas outras tempestades sobre a cidade. Enchentes, corredeiras nas ruas, carros sendo arrastados como se fossem de papel, a água barrenta chegando na porta de casa e outras ocorrências marcantes. Mas o que me causa mais espanto não é isso, porque afinal são fenômenos meteorológicos e algumas consequências deles são provocadas pela ocupação desenfreada e desordenada das cidades.

O que me causa mesmo espanto é que sempre ouvi dizer que São Paulo é a "terra da garoa". Oras, aquelas chuvas tão fortes, que mais parecem o céu caindo sobre a cidade em forma aquosa, nunca seriam confundidas com uma garoa.

Chamar São Paulo de "terra da garoa" pode fazer os desavisados pensar em uma cidade bucólica. Mas qualquer um sabe que lá não há nada de parecido com isso. Nem Adoniran Barbosa chamaria a cidade dessa forma. Mesmo quando o Bixiga lembrava um pedacinho da Itália, com suas casinhas todas coloridas e seu povo de sotaque forte e característico.

Mudei-me para Florianópolis ainda criança e aqui conheci o céu mais azul que pude ver na vida. Dias ensolarados de uma beleza difícil de relatar. Mas também conheci o vento sul. Em algumas épocas do ano ele é acompanhado de uma frente fria persistente. São dias e mais dias de uma chuvinha

fina. Acompanhada de vento, aliás. Não há guarda-chuva, capa ou qualquer outra proteção que evite a pessoa de se molhar.
Entretanto, Florianópolis, ao invés de ser conhecida como a "terra da garoa" ou a "terra do vento sul", é chamada internacionalmente de "Ilha da Magia". Os incautos nem se dão conta de que essa cidade ganhou essa alcunha devido à crença de seus nativos em lendas bruxólicas, maldições e atividades paranormais.

O termo "Ilha da Magia" foi imortalizado por Franklin Cascaes, que estudou junto à população de comunidades do interior da ilha sobre as bruxas, as mandingas, o folclore e as superstições dos descendentes de açorianos que habitavam a ilha.

Tão logo nos mudamos, meu pai alugou uma casa simples em um bairro chamado Saco dos Limões, onde não há limões, já adianto, e ninguém sabe ao certo a natureza desse nome. Definitivamente, o Saco dos Limões não era um saco. Era, sim, um lugar pacato e agradável de se morar.

O melhor pôr do sol de Florianópolis se pode ver na avenida Beira-Mar Norte – que já era conhecida assim antes mesmo de haver uma beira-mar sul – mas que, na verdade, se chama Rubens de Arruda Ramos.

Essas confusões são bastante naturais. Eu mesmo vivi uma grande ilusão em relação à minha primeira impressão de Florianópolis. Antes de nos mudarmos de São Paulo, meu pai nos reuniu e comentou algumas coisas sobre a cidade para onde estávamos vindo. Nunca me esqueci da sensação de quando ele falou que a casa onde moraríamos ficava pertinho do mar. Bem pertinho do mar. E de fato era. Mas acontece que a noção que eu tinha de mar era das visitas a Santos, no litoral paulista, ou de

quando íamos a Barra do Sul em Araquari, no litoral de Joinville, onde moravam meus avós paternos.

Eu conhecia praias de areia branca. De noite, quando tudo ficava mais silencioso, ouvia-se o barulho das ondas quebrando na praia e esse som, em minha memória, é uma das coisas mais incríveis que existe.

Porém, o mar ao qual meu pai se referiu não era bem assim. Não me esqueço da decepção ao ver, ali no Saco dos Limões, num momento de maré baixa, mais de uma centena de metros de um nada emocionante lamaçal. Tipicamente, essa região da Ilha de Santa Catarina é formada por áreas de mangue, desde o "baixio", próximo ao aeroporto e à Base Aérea, passando pela Costeira do Pirajubaé, chegando quase até à prainha do curtume no José Mendes. Esse lodaçal de mangue é cheio de vida, mas hoje está quase todo extinto, por conta da poluição e de vários aterros. Mas para mim a única coisa que importava é que não era uma praia.

Hoje entendo, pela vivência e o amadurecimento dos quase 50 anos de vida, que todos os lugares trazem consigo pequenas confusões, mas o que ninguém confunde é que São Paulo e Florianópolis são cidades únicas e lindas, cada uma ao seu jeito. E tudo isso faz delas cidades inesquecíveis.

AS PIPAS DIFERENTES

José Ricardo Vieira Neto

Uma... Duas... Três... Quatro... Cinco... Seis... Sete... Oito... Ih! Lá se foi uma... Sete.

Estava vendo, em frente de minha casa, um bando de garotos soltando pipa e outro bando lá perto da Vila Operária correndo para pegar aquela cuja linha tinha acabado de ser cortada.

Lembro-me de quando era uma dessas crianças: em frente à minha casa havia um pasto, com um declive bem suave, aproximadamente de 300 metros, por onde se podia correr a vontade com a pipa. No terreno havia uma parte plana que se transformava em banhado por causa da presença de pequenos córregos que desaguavam em um canal, delimitando o terreno a 200 metros à direita. A uns 50 metros à esquerda já existia a rua de hoje de 800 metros, mas era de barro e existiam muitas casas lado a lado de ambos os lados. No final do pasto, do outro lado do canal, existia outra rua, que subia da Vila, logo depois começava uma plantação de eucaliptos e próximo um campo de futebol de várzea do Ipiranga Futebol Clube. Foi esse cenário que recordei e que me faz refletir sobre a passagem do tempo e as mudanças que ocorreram na forma e objetivos de empinar uma pipa de minha geração a esta que vejo nesse momento.

Tudo mudou quando tinha uns 10 anos de idade, pois a necessidade habitacional para suprir o aumento demográfico, próximo ao centro da cidade, mudou a paisagem e consequentemente o modo de brincar. Não tinha mais campo de futebol, não tinha pasto e banhado e o canal foi desviado. No lugar, foi feito um enorme loteamento com muitas quadras que

trouxe junto postes e fios de energia elétrica. Essa mudança ocorreu no início da década de 1970, no Saco dos Limões e foi a mudança mais significativa para mim, pois acabou com o espaço livre para correr livre de fios e carros. A brincadeira pode ser a mesma, mas não vejo mais serenidade nos olhos e gestos dessas crianças, vejo nos olhos somente buscas... buscas por pipas "inimigas" e fascínio por batalhas aéreas. Sei que ainda peguei um momento de soltar pipa correr pelo pasto e fazê-la subir até a altura para fazer evoluções. Mas junto com o loteamento vieram outras crianças que trouxeram as linhas preparadas com cerol e aí que a mudança ocorreu. A brincadeira passou a ser ver quem ficava mais tempo com a pipa no ar. E surgiram os pegadores de pipa, que sabiam que a qualquer momento ia ter um pipa solta e estavam preparados para correr atrás e pegá-la como um troféu e se exibirem.

Isso é o que vejo em frente a minha casa, estão ali os guerreiros cortadores e os pegadores de pipa lá em baixo, na Vila, correndo todos na esperança de um se tornar o mais veloz e feliz naquele instante fugaz, porque logo os olhos de todos estarão de volta ao céu procurando outra pipa para correrem atrás. 6... 5...

CONSPIRAÇÃO COTIDIANA

Leny Wachoski Fletes

Tem dias em nossas vidas que tudo acontece errado. Abrimos os olhos, já amanheceu. E ao levantar temos um sobressalto, o tapete estava mais frio que nos outros dias.

Dirijo-me ao banheiro. Ops! Já está ocupado, então percebo que algo está cheirando mal. Finalmente me apodero do trono, me banho, escovo os dentes no chuveiro; visto roupas e passo um bom creme no rosto, um retoque e pronto para descer. Percebi logo que o segundo degrau da escada tinha esquecido de ficar sob meu pé, mas o terceiro estava, por isso não caí, mas tremi na minha vontade.

Pelas sucessões de acontecimentos, meu café já estava com gosto estranho, mas tomei.

Abri a porta e falei com a Violeta que não poderia levá-la ao sol, dei um carinho, coloquei comida, água fresca e então me dirigi ao portão para seguir a minha jornada até então desastrada. Segui andando pela rua, que é um mar de areia ou lama quando chove, mas finalmente cheguei ao ponto de ônibus. Esperei, esperei, passou o ônibus azul, passou o amarelinho, mas o ônibus verde, nada de passar e era dele que eu precisava.

A espera estava ficando agonizante, mas eis que na decida aponta o ônibus verdinho, que maravilha! Zuuummm... Passou lotado.

Continuo a esperar, já conheci todos que estavam na mesma situação.

Conversamos de tudo com todos, afinal, tempo tínhamos, já ônibus, não! Até que alguém chega e fala. “Esses ônibus que

passaram eram os últimos, pois os motoristas paralisaram por duas horas”. Volto contrariada para casa.

Falo novamente com Violeta, pois ela é que sempre me encontra nos bons e nos maus momentos. Entro em casa, sento no sofá, espero um pouco, e volto para o ponto, onde a espera continua. Vem um ônibus verde, e outro e mais outro, todos lotados. Espero mais um pouco e finalmente um vazio, então subi.

Sigo o caminho para o trabalho; todos os semáforos passam para o vermelho, e nas subidas, interminável congestionamento o tempo todo. Mas me conforto com a piada, humor do caramba. “Tirando o motorista e o cobrador, tudo é passageiro.” Amargo engano! Não mudava.

Desci do ônibus, caminhei rapidamente, ladeando o hospital e depois o laguinho muito poluído, onde um jacaré sempre dorme, o qual invejo. Finalmente cheguei.

Ainda bastante incomodada, esbravejando, entrei na sala. Tudo escuro. Silêncio. Meu chefe fala: Não tem luz! Um caminhão colidiu com um poste que tinha um transformador e o estrago foi grande. Só amanhã que vão conseguir arrumar. Respiro fundo! Como se fosse a última vez, e penso: Não deveria ter aberto os olhos.

RIO VERMELHO, UM PEDACINHO DE TERRA PERDIDO NA ILHA DA MAGIA

Lilian Cristiane Silva de Oliveira

No começo, nem todos vão com a cara dele. Pacato, afastado, desorganizado, escuro. Essa é, provavelmente, a primeira impressão que você terá do bairro São João do Rio Vermelho - principalmente se você for daqueles tipos urbanos.

Apesar de estar localizado em Florianópolis (a cidade desejo do momento no país), o Rio Vermelho é um bairro atípico, diferente de todos os outros locais que fazem parte da região! A começar pela distância. Saindo do centro da cidade para chegar até lá, você terá que percorrer aproximadamente 37 quilômetros. É, o Rio Vermelho é mesmo longe de tudo! Ou será que tudo é que é longe dele?

Bom, mas, passado o susto inicial da distância, se você for morar lá é bom se acostumar com os bichos. Muitos bichos! A ocupação do bairro ainda é recente, então é comum encontrar uma perereca na pia do banheiro, um escorpião querendo dividir o espaço no chuveiro, uma família barulhenta de aracuãs no muro do quintal e, na garagem de casa, uma cobra para dar as boas vindas! Mas como dizer que eles são os invasores, se chegaram lá antes de todo mundo?

Tem a distância, tem os bichos, mas também tem a praia. A praia do Moçambique é de longe a praia mais bucólica da ilha da magia! Um dos poucos cantos ainda não descobertos e explorados pelos turistas. Ao contrário de Jurerê Internacional - a praia mais movimentada da cidade - lá não é preciso disputar um pedaço de areia com ninguém! Em compensação, prepare-se para disputar com o mar. Se as ondas grandes e fortes te

deixarem entrar para um mergulho, pode ser que você saia de lá com alguns hematomas. Mas valerá a pena. O mar mais revolto da ilha também sabe ser o mais revigorante!

A praia é realmente o verdadeiro encanto do bairro. Lá você pode até não encontrar tranquilidade dentro do mar, mas certamente encontrará em frente a ele. Sem construções à beira-mar, sem ambulantes, sem estradas ao redor, apenas o verde e a sensação de que, por ali, o mundo parou.

Mas o Rio Vermelho não é só praia. É também aquele lugar de vizinhança com jeitinho de interior e de crianças brincando na rua. Do restaurante da pousada que serve comida boa e barata e onde todo mundo se encontra nos finais de semana. Do restaurante chique, que serve comida cara e francesa, para se ter requinte mesmo no meio do mato. Dos cavalos, bois e vacas, vistos com frequência desfilando pelas ruas. E, claro, do sítio que fica dentro da cidade, com sua cachoeira, macacos e outros tantos animais e plantas coloridos e bonitos de se observar.

O Rio Vermelho é assim, para alguns o fim do mundo, para outros, um mundo a parte. Um caso de amor que provavelmente não acontecerá à primeira vista, mas que pode acontecer como uma conquista sem pressa, transformando um local distante em um refúgio, um local inusitado, em um lar!

O MEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO

Manuela Coelho Perez

O despertador tocou às seis horas. Desliguei-o imediatamente, pois tinha que tomar um banho rápido, escolher uma roupa "melhorzinha" para me apresentar ao meu primeiro dia de trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina.

Fui caminhando em direção ao terminal novo de Florianópolis, que na realidade não tem nada de novo, pois já existe há dez anos. Cheguei mais cedo, pois não podia me atrasar. Falei para o cobrador do ônibus que queria saltar no ponto em frente à UFSC, e ele acenou a cabeça dando a entender que me avisaria o momento certo de descer.

O tumulto no ônibus era grande, um aperto! Os passageiros me empurravam tanto, que fui ficando cada vez mais distante do cobrador. Fiquei apreensiva, pois se não conseguisse manter meus olhos fixos nele não seria possível vê-lo me fazendo sinal para descer. Mas, para minha sorte, toda vez que o ônibus parava, saiam várias pessoas e fui, pouco a pouco, me sentindo mais confortável até que chegou o momento que pude avistar completamente o cobrador. Pronto! Estava novamente no controle da situação. Dez minutos se passaram e pude observar, mesmo de longe, o cobrador acenando para mim. Opa! Puxei a cordinha e desci.

Como cheguei antes do horário previsto, fui dar uma volta no campus da UFSC. Perguntei para uma menina, que estava andando por lá, onde ficava o Restaurante Universitário, uma vez que teria que saber como chegar até lá para almoçar. Ela, muito educadamente, tentou me explicar, mas, como eu não conhecia nada, foi em vão. Por fim, ela me

apontou uma direção e disse para eu ir caminhando e quando avistasse o elefante branco era para eu continuar “reto toda vida”. Agradeci e fui caminhando na direção indicada. Nada de elefante branco, tentava olhar todas as figuras para avistar o tal elefante branco. O tempo foi passando e por fim, desisti de procurar o elefante branco e fui em direção ao meu setor, pois já estava em cima da hora para iniciar as atividades.

Meio dia! O momento tão esperado e temido chegou. E agora? Onde seria o elefante branco? Como não queria perguntar mais para ninguém, e também como quase ninguém havia conversado comigo no meu primeiro dia, resolvi ir à procura sozinha. Quando estava andando em direção ao fluxo, resolvi perguntar onde seria o restaurante mais próximo. Indicaram-me o restaurante dos servidores. E eu com um sorriso imenso nos lábios, agradeci. Comecei a segui-los, pois não tinha tempo para errar novamente. E para minha surpresa, ao chegar ao local, havia uma placa com o respectivo letreiro “Restaurante dos Servidores”. Percebi que o restaurante não atendia apenas os servidores da UFSC, mas o público em geral. Agora, o porquê do nome já não sei!

E veio à minha mente. Será que o nome, elefante branco, mencionado anteriormente, estaria correto? Ao chegar ao meu setor novamente, criei coragem e perguntei a uma servidora que se sentava ao meu lado, onde seria esse tal de elefante branco. Ela me explicou novamente. Continuei sem saber, pois realmente havia procurado e não tinha encontrado. Foi aí que para a minha surpresa, ela me disse, é claro que você não vai achar uma estátua de um elefante branco, o elefante branco era só uma maneira que o pessoal da UFSC se refere ao Centro de Eventos.

Bom, tirando toda essa confusão de nomes, só sei de uma coisa: não importa o nome que dão aos lugares onde se almoça aqui na UFSC, o que importa realmente é conseguir almoçar e voltar de barriga cheia para mais um expediente de trabalho.

AS VÁRIAS SANTA MARIA

Marcelo Arend

Santa Maria ficou mundialmente conhecida no ano de 2013, com o incêndio da Boate Kiss. Cidade de porte médio, com aproximadamente 270 mil habitantes, que sempre procurou se destacar no cenário nacional por suas potencialidades, por ironia da história, ficará eternamente conhecida como a cidade da maior tragédia brasileira. Mas sejamos realistas, tal fato poderia ter ocorrido em qualquer lugar do Brasil. Por isso, em poucas palavras, procurarei evidenciar algumas peculiaridades desse município, as outras Santa Maria, a presumir desconhecidas pelos que através do noticiário policial a conheceram.

Santa Maria situa-se geograficamente no meio do estado do Rio Grande do Sul. Por essa localização é popularmente conhecida como o Coração do Rio Grande. Durante grande parte do século XX, a cidade foi um importante entroncamento ferroviário. As linhas férreas que ligavam Santa Maria a São Paulo e à Argentina trouxeram prosperidade e a transformaram em Cidade Ferroviária.

Santa Maria intitula-se Cidade Cultura por abrigar uma grande quantidade de instituições de ensino. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi a primeira universidade pública do interior do Brasil e atualmente é reconhecida no meio acadêmico por sua excelência no ensino e pesquisa. A cidade transformou-se em hospedeiro de milhares de estudantes vindos não só do interior do estado, mas de todo o país, em busca de conhecimentos. Essa dinâmica estimulou a instalação de outras

várias instituições de ensino privadas. Atualmente, Santa Maria é conhecida como Cidade Universitária.

Santa Maria também conta com o segundo maior contingente militar do Brasil, atrás apenas da cidade do Rio de Janeiro. Essa característica deve-se a sua posição estratégica na questão dos conflitos territoriais com os países do Rio da Prata, nos séculos XVIII e XIX. Por isso, também é conhecida como uma Cidade Militar.

A cidade também recebe a alcunha de Santa Maria da Boca do Monte, por situar-se em uma região cercada por morros. Sendo mais claro, a cidade encontra-se entre o fim da serra gaúcha e o inicio do pampa, a metade sul do estado conhecida pela qualidade de suas pastagens. Se olhar para um lado da cidade você somente verá grandes morros verdes verticais, e se olhar para o outro lado verá no horizonte um verde plano infinito formado pela campanha gaúcha. Por essa localização particular a cidade recebe em alguns períodos do ano o famoso vento norte, um vento forte e quente que desce a serra e encontra o pampa, chegando a atingir 100 km/h. Durante alguns dias, é praticamente perda de tempo pentear o cabelo antes de sair de casa.

Ali, todo ano se celebra a tradicional Romaria de Nossa Senhora da Medianeira, a segunda maior do Brasil. A festividade atrai fiéis católicos de toda a América do Sul. Possui a primeira igreja não-católica do Brasil a ter sinos, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, trazidos da Alemanha no século XIX. Santa Maria é a Cidade da Fé.

Santa Maria é conhecida por ser a cidade-berço de políticos destacados no cenário nacional. Não citarei nenhum, para evitar entrar em polêmica partidária. Basta lembrar que a

cidade chegou a ser noticiada nacionalmente como a República de Santa Maria.

Os santamarienses se autointitulam como moradores da cidade que produz o melhor “xis” do Brasil. Há inúmeras lancherias que ofertam o particular cheeseburger gaúcho, cada um com sua idiossincrasia. Dentre tantas lanchonetes especializadas nessa iguaria regional, ao visitar a cidade confira o “xis” do Paladar, com mais de 1 kg. Também, não deixe de degustar o famoso frango a passarinho com polenta do Restaurante Augusto. O ilustre Leonel Brizola, quando sobrevoava a cidade, várias vezes fez pousar o avião oficial para apenas levar esse prato para a capital gaúcha.

Como toda grande cidade, Santa Maria também possui uma dupla rival de futebol. Os dois times – Riograndense e Internacional de Santa Maria – disputam o tradicional Rio-Nal. O Riograndense já alcançou a façanha de ser vice-campeão gaúcho. O Inter-SM, carinhosamente apelidado de Interzinho, também já deu muito trabalho para a dupla Gre-Nal. Até mesmo gremistas fanáticos torcem pelo Interzinho, e comparecem entusiasmados à Baixada Melancólica (Estádio Presidente Vargas).

Santa Maria ficou conhecida pela banda de música de sertanejo universitário que acidentalmente ateou fogo na Boate Kiss. Mas a noite da cidade é conhecida pelos inúmeros bares e pubs, onde se apresentam músicos locais que tocam rock de qualidade. Entre o final dos anos 1980 e início dos 1990 a cidade chegou a ser denominada a Seattle Brasileira, com suas várias bandas de rock despontando no cenário regional e nacional.

Santa Maria é mais que Cidade Tragédia. É o Coração do Rio Grande, Cidade Cultura, Cidade Universitária, Cidade

Ferroviária, Cidade Militar, é Santa Maria da Boca do Monte, Cidade do Vento Norte, Cidade da Fé, Cidade do Xis, Cidade do Rio-Nal, Cidade do Rock. É uma República.

ARIRIÚ DA FORMIGA: TÃO LONGE E TÃO PERTO

Mariana Wagner da Silva

Impressionamo-nos muitas vezes com alguns lugares que conhecemos. A regra é encontrarmos o modo interiorano de viver no interior territorial, no entanto, admiram-se os que conhecem o bairro Aririú da Formiga, na Palhoça, Grande Florianópolis.

Encontram-se nesse pequeno bairro características de interior, estando distante a apenas 20 quilômetros da capital do Estado de Santa Catarina. A grande maioria da população reside nesse bairro desde que nasceu; seus pais, tios, avós também moram lá. Parcela significativa da população se conhece há pelo menos 20 anos.

Pode-se encontrar no Aririú da Formiga aquele mercadinho de bairro em que os mais antigos moradores têm a sua conta em caderneta para pagamento no final do mês. O dono do mercadinho é uma das maiores potências econômicas da comunidade. Possui muitos imóveis para aluguel e está sempre expandindo o negócio, construindo mais e mais casas. O mercado é totalmente familiar. Os filhos, esposa e parentes em geral trabalham lá.

Personalidades culturais são facilmente encontradas no bairro, que em como todo o litoral catarinense, são descendentes de Açorianos. No linguajar, permanecem expressões como “ói ói ói”, “gaião”, “mô guri”, dentre outras palavras típicas da fala açoriana que fazem parte do vocabulário local do distrito palhocense. Algumas pessoas, como a Nete, o Manequinha, Janjão, Dona Dida, o Guega, Keka, o Dé são pessoas conhecidas por toda a comunidade. Ainda existem pessoas que nunca foram

para Florianópolis, mesmo com tantos avanços do transporte e infraestrutura.

Temos o Clube Catarinense de Futebol amador, com partidas todos os finais de semana, movimentando a região. Ainda no clube, os bailões de sábado à noite agitam a juventude. A pracinha do dominó, onde se reúnem os homens para além de jogar, falar da vida alheia. Ali a fofoca rola solta. Assuntos como o trato dos passarinhos, quem saiu de casa e deixou a mulher, pescaria, são os temas mais falados.

A Igreja Sagrada Família construída há mais de 50 anos, por doações e trabalho da própria comunidade, é um pilar importante na formação da população formiguense. Festas católicas como a do Divino Espírito Santo são tradicionais. Procissões ao longo das ruas principais, visitas nas casas com a imagem do divino na ponta de um mastro enfeitado com fitas coloridas, confecção de massas do divino – massa de pão em formato de corpo ou partes, para agradecer uma cura ou fazer pedidos – são produzidas pelas mulheres da comunidade.

A escola básica Laurita Wagner da Silveira, nome dado em homenagem a uma das primeiras professoras formadas no bairro, é alicerce na formação educacional das crianças.

Características que comumente são encontradas em comunidades do interior são observadas no Aririú da Formiga, um local de uma cultura ímpar e de grande importância para seus moradores. Tão perto da capital Florianópolis em termos geográficos, mas tão longe em tradições e costumes de uma cidade urbana como a Ilha da Magia.

FLORIANÓPOLIS, RIO GRANDE DO SUL, TUDO A MESMA COISA!

Nilton Jorge de Quadra

Costumava irritar-se quando algum amigo o abordava com algum assunto do tipo:

- Poxa! Que tristeza que está acontecendo na sua terra, hein?!

- Como assim?

- A chuvarada, um monte de gente desabrigada!

- Não, não, você está enganado! Essa chuva toda aconteceu no Rio Grande do Sul! Eu sou de Florianópolis, Santa Catarina! É outro Estado!

- Ah, mas é tudo a mesma coisa... Não são tudo gaúcho?

- Não!!! Eu sou manezinho, nascido na ilha! Florianópolis, capital de Santa Catarina!

- Que é isso rapaz, é tudo sul!

* * *

Nascera em Florianópolis, na Maternidade Carmela Dutra. Manezinho da ilha, como gostava de dizer. No entanto, ainda bebê, foi com os pais morar no litoral de São Paulo. Ainda assim, pode-se dizer que nunca perdeu o contato com a ilha. Tinha-a nas melhores lembranças de infância, nas visitas de férias aos avós, tios e primos que deixara para trás.

Na adolescência desenvolveu verdadeiro apreço pela cultura Mané e sonhava poder, um dia, morar em Florianópolis e vivenciar o mesmo dia a dia que seus familiares. Em uma dessas viagens de férias chegou até a comprar um “Dicionário de manezês”.

Adorava o sotaque e as falas peculiares dos moradores da ilha: “Ólhó-lhó-lhó!”; “Tax tolo, ô ixtepô!”; “Parece que não reza, ô!”.

Tornou-se adulto, os avós morreram, as visitas de férias foram deixando de ser frequentes. Foi perdendo o contato com os familiares, mas o sonho de ir um dia morar em “Floripa” e o apreço pela cultura Mané mantinham-se inabalavelmente de pé.

Tanto fez, que, um dia, já perto da casa dos quarenta, conseguiu realizar seu sonho e foi embora morar na “Ilha da Magia”. Escolheu, para comprar, uma propriedade em um bairro bem no coração da ilha: São João do Rio Vermelho. O intuito era reviver aquelas lembranças “manés” da infância, respirar os ares ilhéu, incorporar o Mané adormecido dentro de si.

Logo nas primeiras semanas sentiu um estranhamento, um certo incômodo, uma confusão mental. Os vizinhos, quando tocavam música alta, em alguma comemoração familiar ou lavando o carro no quintal, tocavam vanerão. Nos finais de semana, o cheiro de churrasco era constante e, com frequência, avistava pessoas nas varandas das casas ou a caminhar pelo bairro portando garrafa térmica, cuia e bomba.

Não conseguia entender o que estava havendo. “Cadê aquele sotaque, aquelas falas da minha infância?” Agora só ouvia por aí “Mas Bah, tchê”; “Eu quero cinco cacetinhos (na padaria)”; “Vai ter negrinho na festa do teu guri?”.

Andou pelo bairro todo, procurando as vozes de outrora e cada vez mais constatava que tudo não era mais o mesmo: era Lancheria do Gaúcho para cá, Queijaria do Gaudério para lá... Descobriu até um CTG, bem no meio do Rio Vermelho!

* * *

Ao final de um ano morando na ilha, cumprindo sua rotina diária de trabalho, casa (e lazer nos finais de semana), constatou que cerca de 90% das amizades que constituiu em “Floripa” eram de gaúchos advindos das mais diversas regiões do Rio Grande do Sul. Os outros 10% se distribuíam entre paulistas, paranaenses e um ou outro de outra região do Estado de Santa Catarina.

Hoje, quando vai, em visita, ao litoral de São Paulo e algum velho amigo lhe aborda:

- E aí, véi! Há quanto tempo! Como anda a gauchada lá no sul?

Ele se limita a responder:

- A gauchada vai bem...

PONTO DE REFERÊNCIA

Raquel Bernadete Machado

O que seria um ponto de referência? Ora, muito simples, um local próximo de onde pretendemos ir... Em todo lugar para onde se vai e, no caso de ser a primeira vez, precisamos de um ponto de referência para nos localizar. Pode ser uma praça, um colégio, um mercadinho, uma parada de ônibus, uma padaria, uma farmácia, uma igreja, enfim, as opções são muitas. Pode ser um banco também.

Os pontos de referência, em geral, são locais bastante conhecidos nas redondezas. Fica mais fácil de localizar o nosso alvo quando determinados estabelecimentos ficam próximos. "Logo ali, depois da vidraçaria, fica a rua que você procura..." Simples assim! No entanto, as informações acerca de um ponto de referência devem ser precisas para não haver confusões na hora de encontrar o que se está procurando.

Em quase toda a cidade, com exceção dos pequenos municípios do interior, pode haver mais de uma praça, mais de uma igreja, mais de um colégio e mais de um banco, por exemplo. Aliás, banco tem em toda cidade. Aquele que fica no centro ou mais afastado. Há também aqueles que são grandes, outros menores. Em Florianópolis, minha adorada Floripa, também existem vários bancos. Mas apenas um é o mais conhecido de todos. Um ponto de referência com letra maiúscula e que se orgulha de sua função. Acredita-se que esse referido banco passou a ser quase como um ponto turístico na cidade.

Um dia soube exatamente a utilidade de um ponto de referência. Foi nos tempos de colégio, quando ainda estudava.

Na sexta série do ensino fundamental, havia uma professora muito querida pelos alunos. Kátia ensinava português e em uma bela tarde convidou alguns alunos mais próximos para conhecer sua casa, que ficava no centro da cidade. Ela explicou bem certinho o endereço. Morava em um condomínio próximo ao final da Avenida Mauro Ramos, bastante conhecida por aqui. O condomínio era desses com vários blocos e a professora fez questão de frisar que o prédio onde ela morava ficava atrás dos edifícios bem perto do banco redondo. Ótimo! Não havia como errar, próximo à Mauro Ramos e do banco redondo.

No dia marcado, meus colegas e eu tomamos o ônibus azul da Transol. Naquela época, ainda pagávamos com as famosas fichinhas cinzas - uma espécie de moeda de plástico que servia como passe escolar. Fomos em direção ao local combinado, observando os pontos de referência citados pela professora. Ao chegar ao final da avenida Mauro Ramos, deparamo-nos com uma pracinha bem simpática e então fomos em busca do tal banco redondo. Em volta da praça havia muitos prédios altos de vários formatos e algumas árvores.

Seria o banco redondo um prédio alto, grande, baixo, escuro? De qual instituição seria, da Caixa, Banco do Brasil ou do Banrisul? Ficamos alguns instantes à procura do famoso banco e nada. Havia prédios comerciais, residenciais, uma pequena lanchonete, mas banco não conseguimos encontrar. Fomos até mais adiante na avenida próxima da que estávamos e nada... Puxa! Já estávamos frustrados por não achar o ponto de referência informado pela professora Kátia. Entretanto, não poderíamos ir embora sem conhecer a casa dela.

Exaustos e chateados, voltamos à pracinha e sentamos para decidir o que fazer. Mas que coisa séria, um ponto de referência não seria um local para localizar algum outro? Então

por que não conseguimos achar o prédio a partir daquele ponto? Alguma coisa ali não estava certa. Foi quando passou uma senhora e perguntamos se ela saberia informar onde ficava o banco redondo. Qual não foi nossa surpresa ao saber a resposta dela. “Meus filhos, o banco redondo é esse onde vocês estão sentados”.

Pois bem, não nos restou outra alternativa, a não ser cair na gargalhada com tamanha inocência. Rimos até doer a barriga. Afinal, a professora Kátia não nos falou que o banco redondo não era um banco financeiro e sim um banco para sentar...

Ao final, conseguimos chegar ao destino esperado. Encontramos o prédio da professora, onde ela nos aguardava ansiosa com um delicioso café da tarde. Contamos nossa aventura a ela que também riu muito.

A INCRÍVEL SALA DOS CONSELHOS

Renata Brocker

A Sala dos Conselhos localiza-se no térreo da Reitoria, ao lado do auditório e no corredor em frente ao balcão de informações. Ao passar pela porta de madeira, na antessala encontram-se quadros com as imagens dos ex-reitores, João David Ferreira Lima, Roberto Mundell de Lacerda, Caspar Erich Stemmer, Ernani Bayer, Bruno Rodolfo Schlemper Júnior, Diomário de Queiroz, Rodolfo Joaquim Pinto da Luz e Lúcio José Botelho.

Além dos quadros, estão fixadas as placas das dignidades concedidas pela UFSC, de acordo com o artigo 65 do Estatuto da Universidade: de “Doutor Honoris Causa” e “Professor Honoris Causa”, para distinguir profissionais de altos méritos e personalidades eminentes. E também de "Professor Emérito” - a membro de pessoal docente aposentado, pelos altos méritos profissionais ou por relevantes serviços prestados à Instituição; “Benemérito da Universidade” - a pessoas ou entidades que façam à Universidade doação de alto valor ou a ela prestem serviços considerados de alta e inestimável relevância; “Mérito Cultural” - a personalidades nacionais ou estrangeiras que se destaquem por relevantes atividades ou trabalhos prestados ao desenvolvimento da cultura em qualquer das suas áreas; “Mérito Universitário” - a personalidades nacionais ou estrangeiras, cuja contribuição ao ensino, pesquisa, extensão ou à causa universitária seja considerada de alta valia à coletividade ou à Instituição e “Mérito Estudantil” - ao estudante da Universidade que obtiver o melhor desempenho no seu Curso.

À esquerda da antessala, há uma pequena sala onde estão guardadas as becas que os conselheiros e secretária executiva utilizam em sessão solene, presidida pelo(a) Reitor(a), com a finalidade de entregar diploma e medalha concedida à personalidade ou entidade homenageada.

A sala do meio é o plenário, sala de reuniões Prof. Ayrton Roberto de Oliveira, que há mais de cinquenta anos foi um dos primeiros membros do Conselho Universitário. Nessa sala são realizadas as reuniões das Câmaras de Graduação, de Pós-Graduação, de Extensão e de Pesquisa e dos Conselhos Universitário e de Curadores, os quais fazem parte dos Órgãos Deliberativos Centrais. Nessas sessões são abordados assuntos de alta relevância, que deliberam sobre o futuro da Universidade. Mas nem sempre as reuniões ocorreram nessa sala, pois ouvi falar por alguns servidores com mais tempo de casa, que há uns trinta anos, aqui funcionava um restaurante de requinte. É muito estranho imaginar que eram servidas refeições no local onde são tratados os assuntos mais importantes da Universidade.

E à direita da antessala localiza-se a Secretaria Geral dos Órgãos Deliberativos Centrais, onde eu trabalho com uma colega secretária executiva e uma bolsista de arquivologia. Nessa sala, além das nossas mesas e um sofá, há um arquivo móvel com documentos correntes e muitos documentos históricos que são uma verdadeira relíquia, entre eles estão as atas do Conselho Universitário datado de 1961, quando foi construído o atual Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, na ex-fazenda modelo "Assis Brasil", localizada no Bairro da Trindade, doada à União pelo Governo do Estado (Lei 2.664, de 20 de janeiro de 1961). Quando nós, secretárias executivas não estamos assessorando as reuniões de Conselhos e

Câmaras, estamos compondo atas, resoluções, portarias e outros documentos pertinentes a esses órgãos que entrarão para a história desta Universidade.

FLORIANÓPOLIS: UM PEDACINHO DO CONTINENTE

Ricardo Junckes

O que lhe vem à cabeça quando ouve a palavra Florianópolis? Você pensa em uma ilha maravilhosa com lindas praias, dunas, trilhas ecológicas. Mas faz parte de Floripa um belo e encantador pedacinho do continente.

Esse pedacinho inclui Capoeiras, um bairro muito populoso do continente, porta de entrada para a cidade para quem vem pela Avenida Ivo Silveira e Rodovia BR-282, conhecida por todos como Via Expressa, que já não é tão expressa como em outros tempos. O Clube Flamengo, não aquele de regatas do Rio de Janeiro, mas o Flamenguinho de Capoeiras, localizado no coração do bairro, realiza populares bailes para terceira idade. Quem curte esporte, pode assistir aos jogos da CIMED, não são comprimidos e remédios jogando, e sim um grande time de vôlei, conhecido por este nome devido ao seu patrocinador, sendo seus jogos realizados no ginásio de esportes Saul de Oliveira.

Ao chegar em Coqueiros, você vai se apaixonar pelo charme do bairro. Conhecido pela sua via gastronômica, possui o maior e mais belo parque do continente, situado no Saco da Lama, que não tem lama alguma, com ciclovias, pistas para caminhada, parquinho infantil e espaço para shows. Todos os anos o parque sedia o Festival da Primavera, com atrações artísticas e de lazer.

Em Itaguaçu, outra parte continental, encontramos bares badalados e a beleza das praias pode ser apreciada durante um belo passeio pelas passarelas à beira-mar, vendo um lindo pôr do

sol. A antiga residência de Hiedy de Assis Corrêa abriga um belo museu onde está exposto o acervo desse artista, trazendo cultura e requinte ao lindo bairro.

O Estreito, que tem esse nome por ser o bairro mais próximo da ilha, local onde foi construída a primeira ligação entre a parte insular e a continental, a esplendorosa Ponte Hercílio Luz, cartão postal que infelizmente encontra-se fechada para travessia de pedestres e veículos, é um bairro tradicional, onde todos os anos, acontece a famosa festa do Divino Espírito Santo no Santuário Nossa Senhora de Fátima. Cuidado com o furacão, não o Catarina que assolou nosso povo do sul do estado, e sim furação do Estreito, o Figueirense Futebol Club, com seu monumental estádio Orlando Escarpelli. Aqui também encontramos a presença das forças armadas, o Batalhão do Exército instalado em um prédio histórico e também a escola de aprendiz de marinheiro instalada desde 1950.

Avenida Atlântica, principal do Bairro Jardim atlântico, deveria estar à beira-mar, banhada pelo Oceano Atlântico, mas não está. Nela encontramos os principais hipermercados da região. No fim de tarde a garotada se reúne para se divertir nas pistas de skate e quadras de esporte das praças de lá.

No continente existem bons restaurantes, parques, praias, tradição, edificações históricas... Venha para um belo passeio e um dia com muita descontração nessa parte da cidade, pois o continente é tão belo e maravilhoso quanto a ilha de Santa Catarina.

NOSOCÔMIO

Ricardo Luiz Akira Nishimura

Sou brasileiro, nasci na capital de São Paulo. Já morei próximo ao Paraguai, em Dourados, Mato Grosso do Sul. Viajei muito para Colinas do Tocantins em função de negócios. Fui funcionário da prefeitura de Joinville e depois de Itajaí. Atualmente sou funcionário público e moro em Florianópolis. Poderia escrever sobre as cidades por onde passei, mas vou contar de outra.

Aqui, como em muitas cidades, trabalham profissionais de diversas formações acadêmicas. Frequentemente encontro o Sr. Akira, administrador, pensativo, planejador. Cumprimento o Sr. Geraldo, o do financeiro, economista, calculista. Heloíse, nomeada contadora há poucos meses. A Mírian é a responsável pelo departamento de compras, controle de materiais e almoxarifado. Eliane é a bibliotecária e a Emily, a arquivista. A responsável pelo refeitório é a nutricionista Andréa. Obras? É só falar com o engenheiro Wilson. Quando me sinto inseguro ou estressado, converso com a Dra. Zaira, psicóloga, que pacientemente ouve meus problemas. Dor de dente? Não tem crise, o Dr. Ricardo sempre tem um horário disponível. Por aqui também passam vários enfermos que são prontamente atendidos por um batalhão de técnicos da saúde, enfermeiros e médicos.

Como a maioria dos doentes precisa de medicamentos, temos o farmacêutico Marcos. Se precisarem de massagens e exercícios específicos, podemos contar com o pessoal da fisioterapia. As assistentes sociais estão sempre percorrendo as ruas em busca de pessoas que necessitem de ajuda. Toda cidade que se preza precisa investir em educação. Aqui isso não é

problema, além de um centro de capacitação técnica, há um centro de pós-graduação onde trabalham muitos professores doutores.

Cada vez mais é preciso focar esforços e recursos na atividade-fim, com o propósito estratégico de obter vantagem competitiva. Então, por meio de licitação pública, assinamos contratos com empresas terceirizadas que fazem a limpeza, segurança e manutenção.

Nossas ruas são limpas, bem iluminadas e sinalizadas. Há seguranças por todo lado. Já o trânsito... Ah! Esse parece o de uma metrópole, principalmente nos horários de pico.

O planejamento dos serviços a serem oferecidos e o estudo da relação de uma unidade com as demais unidades do Estado é realizado pelos nossos dirigentes e gestores governamentais.

Nosocômio é sinônimo de um termo que recebeu influência do francês "hôpital" do século XII, derivado da forma culta do latim "hospitale" relativo a hóspede, hospitalidade, adjetivo neutro substantivado de "hospitalis” (domus) - (casa) que hospeda.

Historicamente, os hospitais surgiram como lugares de acolhida de doentes e peregrinos, durante a Idade Média. A denominação "Hotel-Dieu", que foi empregada para um conjunto de instituições francesas do século VII, já traz em si a noção de hospedagem e o caráter religioso que caracterizou a origem dessa instituição na Europa. Acredita-se que o 1º "Hotel-Dieu" foi fundado em Paris nos anos 651 ou 829 de nossa era.

Estou me referindo a um importante nosocômio de Florianópolis, o hospital universitário da UFSC, uma verdadeira cidade, que por sua natureza, necessariamente multidisciplinar, depende da conjugação do trabalho de vários profissionais, para

que o cuidado aconteça. O cuidado é a somatória de um grande número de pequenos cuidados parciais, que vão se complementando, de maneira mais ou menos consciente e negociada, entre os vários cuidadores que circulam e produzem a vida do hospital. Assim, uma complexa trama de atos, de procedimentos, de fluxos, de rotinas, de saberes, num processo sistêmico de complementação vai compondo o que entendemos como cuidado em saúde.

Mas nosocômio que se preza não funciona somente com os profissionais da saúde, pois o hospital também apresenta características de hotel, farmácia, banco, centro de distribuição e logística, armazém, restaurante, serviço de transporte, escritório de engenharia, escritório contábil, biblioteca, estacionamento, centro financeiro, posto de saúde e fábrica!

Fábrica?

Sim, para ilustrar esse fato, basta imaginarmos os cuidados de um paciente com diabetes internado com um quadro de descompensação. Além dos cuidados iniciais do plantonista, que o recebe e interna a partir do pronto- socorro, ele receberá também cuidados da enfermagem, poderá ser visto, em algum momento, pelo cirurgião vascular, pelo cardiologista, pelo endocrinologista, pela nutricionista, pela assistente social e pela psicóloga. Além do mais, terá seu corpo escrutinado por uma bateria de exames, alguns deles bastante complexos, realizados em serviços diferentes e por profissionais distintos. O faturista, profissional da área administrativa, especializado em cobrança, enxergará o paciente como se ele estivesse passando por uma linha de montagem ou uma “linha de cuidado”, fazendo os cálculos e agrupando todos os gastos em cada processo, para no final, entregar a conta ao SUS.

Hospital Polydoro Ernani de São Thiago, o nosocômio da UFSC: um hospital escola destinado ao atendimento de doentes, para proporcionar o diagnóstico laboratorial, clínico, cinesiológico-funcional e o tratamento necessário. Local onde são realizadas cirurgias eletivas, gerais e especializadas, ou a caráter de urgência e emergência. Local de ensino e pesquisa. O único completamente gratuito do Estado. Pronto para atender a população da Grande Florianópolis e outras regiões do Estado de Santa Catarina. Estamos à sua disposição para bem atender.

FLORIANÓPOLIS: O BRASIL COMEÇA DEPOIS DA PONTE

Ronivaldo Steingraber

Quem está acostumado com as notícias vinculadas à cidade de Florianópolis pensa que o paraíso na terra é essa cidade; belas praias, natureza exuberante, sol, pessoas felizes e caminhando na beira-mar. Fatalmente essa não é a visão de quem vem morar aqui. Para quem achava as notícias da TV normais, a realidade é bem mais dura e até engraçada.

Inicialmente, como bom curitibano, acreditava que todas as cidades brasileiras eram imunes ao meu bom gosto, pois aceitava que o chato era eu por natureza e o problema não seriam os outros, mas minha curitibice. Vivendo um pouco aqui, até o Papa reclamaria.

Vamos ver um pouco mais desta linda cidade.

Florianópolis é uma ilha. Ilha é uma porção de terra cercada de água por todos os lados. Olhando no mapa, à direita ficam as baías norte e sul, à esquerda as praias do sul, como Campeche e Armação do Pântano do Sul e ao norte as praias como Ingleses e Jurerê. Do lado de baixo deve ter água salgada e do lado de cima as nuvens, porque quando chove inunda toda a Palhoça. Essa deve ser a razão de algumas pessoas falarem da parte continental da ilha. Deve ser a única ilha do mundo com parte continental.

As pessoas confundem a ilha e suas belezas com a cidade, só pode ser isso. Quando falamos mal da cidade de Florianópolis os moradores locais, nativos chamados de Manezinhos, sempre repetem o discurso que a ilha é bela, nunca

na história deste país uma cidade é tão bela e não existe lugar melhor para viver neste país, continente ou parte da galáxia.

Se eu fosse pescador de tainha concordaria. Mas como vivo na cidade, a estrutura urbana é péssima, beirando o ridículo em relação ao custo de vida pago. Pago o custo de morar em São Paulo e desfruto da estrutura de Ubatuba.

Esse é cuidado que devemos ter aqui; os Manezinhos são bairristas e ufanistas. Vangloriam-se de morar aqui e não aceitam críticas. Não me assusto se jogarem pedras na minha janela como fizeram com a menina gaúcha que reclamou da precariedade da sua escola na internet.

Eu fico quieto, nem falo mais nada. Quando me perguntam como estou em Florianópolis, respondo que estou com saudades de Curitiba, pois minha família ficou lá. Cansei de falar que Florianópolis é horrível, os Manezinhos com a sua educação portuguesa/açoriana me mandam embora, simples assim.

Não falei mal da ilha. Falei o que penso da cidade. Bagunçada, suja, desorganizada, caótica no trânsito, com poucas atrações fora do calçadão da beira mar, das praias e dos "shoppings centers" e principalmente, cara demais. Tudo aqui é caro, os preços da temporada são praticados o ano todo, ou será que é normal cobrar R$ 140 reais num jantar para duas pessoas? Sim é, mas não em todos os restaurantes, mesmo nos mais simples.

Parece mesmo que não sou entendido. Bom, a recíproca é verdadeira, eu também não entendo o que os Manezinhos falam. A dica é responder com "huhum". A gente desenvolve uma leitura facial, se eles parecem normais ou felizes, você responde "huhum" sorrindo, pode até dar uma pequena gargalhada. Se a expressão for de reprovação, sérios, você

responde o “huhum” com tom sério, dê uma balançadinha na cabeça reprovando. Peça licença e retire-se. Ah, e não esqueça, aqui Mané é um elogio, não adianta xingar um motorista grosso com essa palavra na Ilha da Magia.

Nesse ponto não são todos os Manezinhos que são assim. A universidade ajuda a camuflar esse fato. Nos bairros em volta, como Carvoeira, Pantanal e Trindade, moram os estudantes e professores estrangeiros como eu. Aí se o seu vizinho não te cumprimenta, o problema não é dos Manés, vai que o guri veio do interior estudar aqui e nunca viu gente mesmo na vida. O mesmo vale para bairros inteiros, como os argentinos no norte da ilha e os gaúchos nas praias do Sul.

Mesmo assim, o povo daqui é engraçado mesmo. O primeiro cuidado é não sair atropelando os pedestres na faixa. Como o trânsito é lento, os carros param para os pedestres atravessarem a rua. No meu primeiro dia aqui, eu quase atropelei uns cinco ou seis. Depois, quando estava andando senti que podia parar os carros e atravessar a rua sem preocupação. Mas cuidado, isso só é possível quando o trânsito está lento, quando o horário é de menor movimento, os motoristas andam com maior velocidade e te atropelam mesmo. A gentileza não é por educação, o momento de lentidão é que proporciona essa pequena visão de civilidade.

Como meus colegas sempre me perguntam se vou embora de Florianópolis, minha resposta sempre era que sim, vou fazer concurso e voltar para o Paraná. O tempo foi passando, as oportunidades para sair nunca são iguais as que foram para entrar. Vou me acostumando, o jeito é comprar uma bicicleta e aproveitar a beira-mar. Sentar no barzinho, tomar cerveja quente, com preço de vinho importado e falar mal dos

turistas e das pessoas que, como eu, não valorizam esse pedacinho de terra abençoada por Deus.

CURIOSIDADES SOBRE A CIDADE NATAL

Rosana Debiasi

Nasci na cidade de Criciúma. Morei lá até os 17 anos. Aos 18 anos vim para Florianópolis cursar graduação na UFSC e por enquanto, ainda continuo na cidade só que dessa vez fazendo mestrado e trabalhando. Eu poderia escrever da cidade que moro, no entanto, falarei um pouco sobre algumas curiosidades da minha terra natal: Criciúma.

Segundo o site da Wikipédia, Criciúma atualmente tem em torno 190.000 habitantes, o que pode ser considerado como uma cidade pequena, em comparação com as cidades da grande São Paulo, ou segundo os que moram ou moravam por lá. O nome da cidade deriva de uma gramínea brasileira, chamada capim criciuma, que ao longo dos anos alterou-se para o nome atual que é Criciúma. A fundação da cidade foi em 6 de janeiro de 1880, datando hoje 133 anos.

O centro da cidade é cortado por um rio que leva o nome do município. No entanto, quem chegar ao centro, verá que não é um rio - como em Blumenau, cortado pelo rio Itajaí-Açu – mas sim um córrego, no qual é também depositado o esgoto. Porém, não é nem um pouco fácil achar esse córrego (inclusive eu que nasci na cidade só descobri essa informação por volta dos 17 anos, coincidentemente o último ano que morei lá). Ele fica escondido em uma transversal da Rua Henrique Lage, na qual há predominância de lojas comerciais. Cabe destacar que o córrego em que hoje despejam esgoto um dia já foi um rio. Isso ocorreu porque o rio em algum momento foi encanado. Isso gerou alguns problemas como enchente no centro e, ocasionalmente, perda de mercadorias dos comerciantes que ali trabalham.

Sobre os pontos turísticos, os mais conhecidos são: a Mina Modelo, a Mina de Visitação Octávio Fontana, a Catedral São José, o Parque Centenário e o Parque das Nações. A Mina Modelo localiza-se no bairro Pio Correa ou próximo ao local onde ocorriam as aulas para tirar carteira de motorista. Atualmente está desativada, mas na minha infância tive a oportunidade de visitar. Entrava-se em um vagão e ele transportava os curiosos para observar como era. Já a Mina de Visitação Octávio Fontana não visitei. Esta é mais recente, inaugurada em outubro de 2011 e localizada no bairro Mina do Mato. A Catedral São José é uma igreja inaugurada em 1917. Fica no centro, em frente à Praça Nereu Ramos. Caminhando um pouco mais se encontra a Praça do Congresso. Ali está situada uma escola bem antiga de freiras, o colégio São Bento, e ao redor algumas das edificações mais caras da cidade. Ë um local bastante agradável e onde boa parte da população leva as crianças para passar o final de semana. Ali as pessoas caminham dando voltas e voltas na pequena quadra da praça. O Parque Centenário, localizado no bairro Santa Bárbara é um local no qual estão os principais órgãos públicos da cidade: prefeitura, teatro, centro de eventos e fórum. Não é tão próximo ao centro, mas dá para chegar a pé a partir dele. Já o Parque das Nações é bastante recente. Foi inaugurado em outubro de 2011. Tive a oportunidade de visitá-lo em um dos finais de semana que fui para lá. Caso alguém queira visitar o parque, é um local que vale muito a pena conhecer. Ele está localizado próximo ao Shopping Criciúma, no Bairro Próspera. Além de carro, pode ser utilizado com facilidade ônibus urbano para chegar até o local, porque há parada próxima. Nele há pistas de caminhada, palco para eventos, área para lazer, lago e até um trem, que simula o que

era utilizado na cidade até a construção da Avenida Centenário, que corta grande parte do município.

Existem outros locais que valem a pena conhecer. Um deles é o Morro da televisão em que é possível ver praticamente toda a cidade. Outro local em que isso ocorre é o último andar do hotel Crisul Center, em frente à rodoviária. Ainda há outro local, mais precisamente um prédio, o edifício Lúcio Cavaler, o único da cidade que possui 34 andares, que é visto de praticamente qualquer ponto da cidade. Eu inclusive o utilizava como ponto de localização quando estava perdida, já que moro próximo a ele. Como esse é um prédio residencial, é mais difícil de acessá-lo. Talvez falando com o porteiro e tentando convencê-lo para ir ao último andar do prédio, que é o salão de festas, você terá a oportunidade de ter uma das melhores vistas da cidade. No meu caso, conhecia uma colega que morava no décimo sétimo andar e uma vez já fui ao tal salão de festas e pude ter uma vista panorâmica da cidade. O porquê de somente ter um prédio com esse número de andares na cidade até hoje para mim é um mistério.

Percebe-se pelos pontos turísticos que a cidade não possui litoral. A praia mais próxima, aonde grande parte dos criciumenses vai é a Praia do Rincão, que recentemente virou município, chamado Balneário Rincão. Porém, comparando às praias de Florianópolis, não posso dizer que é a “praia”, mas de qualquer forma dá para passar um final de semana porque para chegar lá são no máximo uns 30 minutos de carro. Eu não poderia me esquecer de falar do estádio do Criciúma, localizado no bairro Comerciário, ao lado do centro; até por que, o nome da cidade é conhecido fora de outros estados em função do time de futebol.

A ESTRELA DA CAIXA D'ÁGUA

Rosembergue Souza

Lá se vão tantos anos, mas a lembrança continua viva. O bairro operário formou-se em função das instalações do lavador de carvão, pertencente à companhia siderúrgica de Volta Redonda. O pequeno bairro, um distrito da cidade de Tubarão, se emancipou, tornou-se o município de Capivari de Baixo. A vida na comunidade era boa, as ruas se tornaram áreas de lazer, as crianças jogavam futebol, bolinha de vidro, peão, soltavam pipas, corridas de bicicleta, etc.

Ao entardecer, as mães gritavam pelo nome dos filhos, e lá se iam todas as crianças ao recolhimento. Hora do jantar, todos à mesa, o rádio ligado, uma voz melancólica entoava a oração da Ave Maria. Apesar da melancolia, o jantar acontecia num clima de calma, não tínhamos as reportagens de hoje, anunciando mortes, atropelamentos, sequestros e fatos negativos de toda ordem. E assim os dias iam passando, fim do ano se aproximando, todos ficavam ansiosos pela chegada da estrela.

Todo fim de ano, a companhia siderúrgica usava uma caixa d'água no alto de um morro e lá instalava a nossa tão esperada estrela. Ela representava, para todos da comunidade, paz e alegria. Para os adultos, era um momento de reflexão, para as crianças, era o nascimento do menino Jesus. Íamos ganhar muitos presentes e comemorar a chegada do filho de Deus. Todos os dias, a partir do início de dezembro, a estrela fazia parte da paisagem.

As pessoas se tornavam mais tranquilas e gentis, a paz reinava na comunidade. A estrela iluminava por um breve espaço de tempo, e assim que passasse o Natal, dali a uma

semana, eles a retiravam. Apesar disso, todos olhavam para a caixa d'água e pensavam, porque retirá-la, afinal ela bem que poderia brilhar todos os dias de nossas vidas. O tempo passou, e até hoje me ponho a pensar, o que seria mais interessante, ver o brilho da estrela todos os dias ou viver a expectativa da próxima chegada?

Certo que foram momentos sublimes, apesar da dúvida que me inquieta. A estrela da caixa d'água, mesmo depois de retirada, deixava uma ressaca de alegria e felicidade que se estendia até o próximo Natal. Hoje em dia, lá está a caixa d'água, erguida sobre a montanha, abandonada e sem uso, rodeada de mato e com manchas escuras. A estrela nunca mais foi colocada lá; quem sabe, um dia teremos a sorte de tê-la de volta brilhando.

EXPECTATIVA

Vanessa Almeida de Oliveira

Uma pilha de roupas para passar e o jantar por fazer. Ela saiu do banho na expectativa de correr com esses afazeres e cair na cama. Mas ela estava cansada, dava para ver em seu semblante. Talvez seja pelo peso que carregara durante todo o dia. Por fim ela pulou todas aquelas tarefas e seguiu para a cama onde se aninhou no peito do seu companheiro.

Ela parecia gostar dali. Os braços dele a envolviam e ali parecia o lugar perfeito para se encaixar. Quietude. Alguns minutos se passam. Calores, arrepios e gemidos rompem a noite. Tanto suor molhou o lençol quase por inteiro. “É agora” pensou enquanto segurava com todas suas forças os braços dele. Ele a fitou e logo compreendeu o que aquele olhar com misto de angústia e alegria dizia.

O afobamento tomou conta do ambiente. O frenesi com o que tudo aconteceu quase que antecipou o clímax da noite. Eram duas pessoas desesperadas tentando correr contra o tempo. Finalmente mudaram de cenário. Mais alguns minutos e juntos iriam vivenciar um momento único, singular.

Seguem algumas instruções já quase decoradas. A nova sala se enche de mais gemidos, grunhidos, movimentos voluntários e involuntários. Ele segura sua mão e sussurra: “Vamos juntos. Quando estiver preparada”. Ela soltou um forte grito e entrou em estado de êxtase. A partir daí foi como se lhe faltassem todos os sentidos. Desfaleceu por alguns segundos.

De repente, um novo som preencheu o silêncio da sala e a faz emergir do seu transe. Era um som agudo e esgoelado. Ela

sorriu e riu sozinha. Ele a abraçou novamente – aquele encaixe perfeito – e juntos abraçaram sua nova vida. “Olá, Bia!”.

A RUA QUE TRADUZ A CIDADE

Yara Menegatti

O ônibus chegou em uma manhã fria de outono, antes do amanhecer. Percebia-se pela fumaça expelida das chaminés que a cidade começava a acordar, lentamente.

O trajeto percorrido pouco mudou, os ícones da cidade permanecem em seus lugares. O Gaúcho, em frente à rodoviária, ainda de poncho e chapéu. O Índio Condá, próximo ao estádio, insiste em segurar sua lança, apontando para o céu e O Desbravador, no alto da avenida principal, segura o machado como nos tempos em que se derrubava a mata para a cidade crescer.

Com 95 anos, Chapecó é uma cidade jovem e vive um momento de expansão demográfica e econômica, ao mesmo tempo em que preserva características de cidade interiorana, diz-se que lá quem não é parente é conhecido. Os índios, primeiros habitantes da região, convivem com os descendentes de italianos e alemães, que junto com os poloneses compõem a maioria da população.

É um lugar de pessoas valentes, capazes de enfrentar termômetros acima dos 40º graus no verão e temperaturas negativas no inverno. O vínculo com o estado vizinho é evidente. Nota-se pela quantidade de pessoas que usam a camisa do tricolor gaúcho e pelo predomínio do chimarrão sobre o cafezinho.

Voltar à cidade natal para o casamento de uma amiga de infância implica olhar o espaço atual com os olhos da infância. Penso nisso enquanto aguardo a noiva em frente à igreja, nos altos da Avenida Getúlio Vargas, a principal da cidade. A

cerração característica do frio deixa a paisagem borrada, o Desbravador parece flutuar sobre uma nuvem.

Lembro quando desfilamos em 7 de setembro, após semanas de ensaio marchando em volta do colégio, da expectativa de que domingo chegasse logo para irmos tomar sorvete na avenida, das idas à biblioteca pública que terminavam com passeios para olhar as vitrines de sapatos e vários outros momentos, todos passando pela Getúlio.

Percebo que esta avenida representa, para mim, a essência da cidade. Afinal, foi lá que levei meu filho para visitar a casa do Papai Noel; foi onde festejamos a vitória do Verdão, time de futebol local; é onde passa a cavalgada na semana farroupilha e é o local em que as pessoas se encontram para saber das novidades.

É verdade que houve mudanças, o prédio da Prefeitura "velha", incapaz de abrigar a atual estrutura, hoje abriga a Fundação Cultural e as casas antigas construídas em madeira, marcas do período da colonização, foram substituídas por prédios modernos. Também foram colocados novos bancos e plantadas flores no canteiro central, o que tornou mais agradável o espaço de convívio, pois é o que essa rua representa.

Aqueles que são novos na cidade estranham a quantidade de carros que se alternam, circulando ao longo da rua ou permanecendo estacionados, com música em volume alto. Nada é mais típico de Chapecó do que esse costume.

Observo os noivos se afastarem no carro pintado com o usual "recém-casados", com latinhas amarradas e penso que seu trajeto não poderia ser outro que não aquela avenida.

PARTE II

AUTORES

ALEXANDRE BERGAMO

Natural de Campinas, SP. Nasceu em 14 de agosto de um ano que ainda não terminou. Formado em Ciências Sociais pela Unicamp, desde 2010 reside em Florianópolis e é professor de Sociologia da UFSC.

ENTRE QUADRINHOS E LIVROS

Venho de família pobre, de imigrantes italianos, que foi trabalhar e fez sua vida a partir das lavouras de café no interior de São Paulo. A escola não fez parte da vida de meus avós. Minha avó era analfabeta. Uma prima minha, Sandra, que ia à escola como eu, tentou ensiná-la a escrever algumas palavras, mas sem muito sucesso. Meu avô, apesar de não ter ido à escola, sabia ler e escrevia alguns garranchos. Todos os dias ele sentava na varanda da casa e lia seu jornal. Não sei quanto ele entendia do que lia, talvez não entendesse a maior parte. As palavras não vinham inteiras, apenas em sílabas. Era como se ele pegasse cada uma daquelas sílabas com os dedos, colocasse na boca e mastigasse, uma a uma, e depois engolisse, na esperança de compreender o que estava lá escrito. Ele tinha consciência do quanto aquilo era difícil para ele, mas tentava mesmo assim, dia após dia.

O destino dos filhos desses imigrantes não era muito diferente. Também a escola não fazia parte da vida deles. Mas estudaram o suficiente para aprender a ler e a escrever. Homens e mulheres deveriam trabalhar em serviços manuais. Na Campinas dos anos 1960, em franco desenvolvimento econômico, os homens puderam trabalhar no setor de serviços, viraram “raspa-tacos”. Um tio meu teve mais sorte, foi ser operário na fábrica da Vitrola. Era quem tinha a melhor condição financeira dentre todos, evidentemente. O destino das mulheres era menos promissor. Minha mãe, com um pouco de sorte, tornou-se secretária.

Eu, meus primos e minhas primas somos a primeira geração de escolarizados dessa família. Até então, ninguém tinha chegado ao ensino colegial. Minhas primas concluíram o ensino técnico e conseguiram conquistar uma vida material muito mais satisfatória que a geração de nossos pais. Mas, de minha geração, fui um dos poucos a concluir o ensino superior.

Faço parte não apenas dessa primeira geração de escolarizados, mas também da geração que deve sua primeira biblioteca à banca de jornal. A boa vontade de minha mãe fez com que comprasse quase tudo que era publicado para mim. Enciclopédias, coleções de literatura, e gibis, muitos gibis. A primeira historinha que li inteira, quando tinha 5 ou 6 anos, foi de uma edição especial do Pato Donald (que eu guardo até hoje). Para mim e para muitos da minha geração, a banca de jornal representou uma abertura para o mundo. O mundo era muito maior do que imaginávamos, e discutíamos as descobertas recém-publicadas. Aliás, tudo era sempre descoberta, porque a vida chegava em fascículos e cada um deles com uma novidade. As semanas nunca se repetiam. Perder um fascículo era como perder uma semana e estarmos condenados pelo resto das nossas

vidas por isso: os volumes não estariam completos, não poderiam ser encadernados e ir para a estante da sala, objeto de culto e de admiração de nossas casas.

Quando os primeiros livros das coleções de literatura eram lançados, corríamos para a banca antes que acabassem. E líamos. Líamos e discutíamos, eu e meus amigos de escola. Os personagens da "literatura universal" rapidamente entravam em nossas vidas, tornavam-se metáforas para o dia a dia. Também faziam parte das discussões as revistas e os grandes jornais. A *Ilustrada* era leitura obrigatória.

Meu contato com a literatura nacional teve início apenas no colegial. No Colégio onde estudei, a leitura dos clássicos brasileiros foi obrigatória nos três anos de estudo. Enquanto isso, lia também os "clássicos da literatura universal" que comprava nas bancas. Acho que esse foi o período de minha vida em que a literatura esteve mais presente.

Ler sempre foi, ou ao menos deveria ser, uma experiência capaz de marcar nossas vidas para sempre. Os livros, contos e poesias que ainda guardo em minha memória são justamente esses. Mas a universidade mudou muito tudo isso. Com certeza, passei a ler mais, pelo menos em número de páginas. Com certeza, também, li pesquisas fantásticas, inovadoras. E elas foram decisivas para eu definisse os rumos de minha formação e vida profissionais. Mas a leitura se tornou ofício, profissão. As pesquisas substituíram em muito a literatura, a poesia e o conto.

ANDRÉ TIAGO DIAS DA SILVA

Nasceu na maternidade Carlos Correia, em Florianópolis, no ano de 1984. Criado e apaixonado pelo Bairro Estreito, é formado em Administração pelo Centro Universitário Estácio de Sá/SC e especialista em Gestão de Pessoas e Comportamento Humano pela Faculdade Dom Bosco. Atua como Assistente em Administração na UFSC desde 2012.

OS PAPÉIS DA MINHA TIA

Manézinho da ilha, nascido na Maternidade Carmela Dutra, no centro de Florianópolis, em 1984. Filho único, mas criado pela avó e tia a partir de 1 ano de vida, morador do Estreito e torcedor fanático do Vasco e Figueirense.

Durante a infância, não houve contos antes de dormir. Minha tia, gerente de seguros, chegava tarde e com muito serviço para fazer em casa. Folhas e mais folhas de documentos datilografados, que chamavam minha atenção, “o que estaria escrito ali?” Minha avó, analfabeta, sabia apenas escrever seu nome, vida sofrida dos tempos de interior, “serviço da tua tia”, respondia ela.

Fui cedo ao jardim, aos 4 anos. Diversos contos e aventuras ali aprendi, até os 7 anos. Era muito falador, e desenvolvi a leitura e a escrita de forma rápida. Em casa pouco mudou, minha tia continuava a trazer serviço, a diferença foi que agora eu conseguia ler o que tanto ela "batia" naquela máquina, contratos, atas, propostas, lia de tudo um pouco que havia no "serviço" da tia. Ganhei o livro do Menino Maluquinho, era muito legal, a "tia" da biblioteca ficou minha amiga, pois sempre ia lá pegar um "livrinho". Apaixonado pelo Vasco, lia revistas, jornais e tudo que houvesse o nome sagrado em suas páginas. Curioso, andava pelas ruas lendo tudo quanto é placa de comércio, nome de carros e tudo que passava diante dos meus olhos. Ganhava muitos álbuns de figurinhas, havia um com todas as notas de moedas do mundo. Talvez disso tenha surgido minha paixão pelas finanças. Porém, ruim de matemática. Ótimo nas disciplinas de geografia e história, gostava de saber como as coisas surgiram e o por que.

Aos 15 anos dividi o tempo de estudo com o trabalho. Iniciei minha vida profissional em uma locadora de vídeos. Assistia muitos filmes legendados por influência do meu chefe. Ele me fazia ler várias revistas especializadas em filmes e todas as sinopses, para explicar aos clientes tudo o que fosse necessário sobre os produtos da locadora. Na escola, aquela rotina de leitura, dos textos da aula de português até as formulas de química e física, tudo muito superficial. Afinal, o estudo da escola pública naquele tempo já era carente, mesmo com os professores dando o melhor de si. Vestibular era algo tão distante da minha realidade que não o busquei, estava preocupado com o trabalho e com as festinhas dos finais de semana. Porém a leitura continuava. Li algumas obras de João Cabral de Melo Neto e mais algumas de Paulo Coelho que havia

na estante da minha tia. O que gostava de ler eram livros de motivação e de finanças, como PAI RICO, PAI POBRE de Robert Kiyosaki, e suas demais obras. Queria ficar rico, e era ali que estavam alguns exemplos que deram certo. Em casa, minha tia continuava com seus papéis, mas já não despertavam mais tanto interesse de minha parte.

Aos 20 anos um amigo de colégio contou-me que iria iniciar a graduação em uma universidade particular, no curso de administração. Resolvi fazer a prova e acabei iniciando o curso para o qual já havia interesse, só faltava-me o "start". Nessa etapa muitos livros foram-me apresentados. Fiquei apaixonado pela administração, principalmente a área de gestão de pessoas. O que queriam? Por quê? Onde? Quando? Quanto? Diversas questões eram apresentadas, é um assunto inesgotável e apaixonante. Minha tia pergunta "que tanto papel é esse?", "é coisa da aula".

Ainda tenho muito que aprender. Observando minha história, talvez a necessidade ou imaturidade tenha forçado alguns desvios. Mas hoje vejo que estou trilhando o caminho correto, buscando desenvolver minhas competências, habilidades e atitudes, tendo como companheira a boa e velha leitura. Minha tia continua trazendo serviço para casa, só que agora é tudo na tela do computador.

ANITA REGINA BURATO MAURICIO

Nasceu em Rio Rufino, Urubicí , SC, em 06 de janeiro de 1961. Formada em "Biblioteconomia e Documentação", tem especialização em "Administração de Arquivos" pela UFSC. Ingressou no Hospital Universitário em 1982, trabalha atualmente como bibliotecária no "Sistema de Bibliotecas" da Universidade Federal de Santa Catarina.

AMOR LETRADO

Desde que me entendo por gente, gosto de ouvir, entender e contar histórias. Meus pais me colocavam em uma cadeira para entreter minha nona que era acamada. E como eu inventava histórias e fazia ela rir.

Quando eu tinha uns 5 anos meu pai começou a trabalhar na campanha contra a febre aftosa e passou a receber a revista "O Dirigente rural" . Eu era a única que aguardava ansiosa a sua chegada. Não sabia ler, mas devorava com os olhos as gravuras, as paisagens. Meu pai vendo meu interesse me passou o

“a,e,i,o,u”, o ABC e os números de 1 a 10, em folhas que ele também recebia.

Quando entrei na escola, com 7 anos, já conhecia as palavras, os números e comecei a ler. As professoras e os alunos de outras salas traziam jornais para comprovar que era verdade, porque não entendiam como era possível. Eu sou a quinta de sete irmãos. E todos os meus irmãos maiores tinham um pouco de dificuldade na escola.

Meu primeiro livro na escola foi “O lobo mau e os três porquinhos” que logo li até o final. Mesmo assim com tamanha dedicação, não deixei de levar reguada de pau nos dedos, porque tentava ajudar meus amiguinhos. A professora era muito exigente, e temida por seus métodos.

O primeiro livro que ganhei de presente foi “A irmã do Simplício”. Foi um prêmio do 3º ano no primário por ter me destacado e não ter tido faltas. O livro contava a história de dois irmãos orfãos que se amavam muito. Simplício tinha um retardo mental e sua irmã lhe protegia das maldades alheias e se dedicava totalmente a ele.

Comprar livros, nem pensar. Tínhamos a Bíblia, e um livro de plantas medicinais, mas esses, meus pais não deixavam a mostra. Nós não passávamos necessidade porque a cidade onde me criei, Pedras Grandes, é até hoje, uma cidade rural. Nascí em Urubici. Plantávamos pra nossa subsistência em terrenos arrendados, tínhamos uma horta, um pomar, criávamos galinha e porco. Além disso, meu pai era considerado o veterinário, e resolvia os problemas dos animais dos colonos. De tudo nós ganhávamos. Não nos faltava, nada. O leite, bem cedo eu ia pegar. Até de morcegos e abelhas meu pai entendia. Apesar de muito doente, quando resolvia contar histórias de

fantasma a noite, ninguém dormia direito. Ele contava como sendo verdade e todos acreditavam.

Ainda no primário, a diretora chegou um dia em nossa sala, para nos dizer que precisávamos ler mais. Eu tremendo de medo lhe falei, que tudo o que eu tinha eu lia, mas não entendia porque a biblioteca era só pra ser visitada. No mesmo ano, a biblioteca foi aberta. Colocaram a professora Diva para cuidar, e podíamos emprestar os livros. Li tudo o que existia. O primeiro foi "Mogli, o menino lobo", e passei para literatura brasileira. Até hoje considero José Mauro de Vasconcelos o melhor.

Não precisa explicar porque fiz Biblioteconomia. No entanto, passei antes para Letras, mas não cursei porque não consegui trabalho nem onde ficar. Então vim em 1979, me estabeleci, e comecei cursar Biblioteconomia em 1980. Durante a graduação, feita com muito esforço, questionei a falta de incentivo à leitura, mas creio que o problema estava na minha falta de tempo para ler, ou deveria estar decepcionada com a realidade técnica do curso.

Hoje meu trabalho apesar de técnico exige muita leitura e por isso gosto do que faço. Continuo lendo de tudo. Prefiro ficção. Quando gosto de um título, passando um tempo, leio novamente. Leio direto nos ônibus, por isso, mesmo morando em Palhoça, não reclamo do trânsito.

O livro pode mudar as pessoas. E nesta diversão e distração estou chegando na aposentação.

BIBIANA SGORLA DE ALMEIDA

Nasceu em Esmeralda, RS, no dia 08 de abril de 1983. Mora em Florianópolis, SC. Graduada em Biomedicina, especialista em Biologia e Genética Forense e mestre em Biologia Celular e do Desenvolvimento. Atua como Biomédica no Laboratório Multiusuário de Estudos em Biologia I (LAMEB I) do Centro de Ciências Biológicas (CCB) da UFSC desde 2008.

AUTOBIOGRAFIA

Filha caçula de um casal de professores e irmã mais nova de um guri agitado que viria, tanto ou mais que meus pais, a influenciar meus caminhos pela literatura. Meus pais tinham o costume de ler histórias, para mim e para meu irmão, todas as noites antes de dormirmos. Tinham, também, a paciência de relê-las, quantas vezes fossem necessárias, até que caíssemos no sono. Algumas histórias foram lidas tantas e tantas vezes que eu poderia contá-las tal e qual estavam escritas nos livros e gibis. Mesmo assim, era sempre divertido e empolgante escutá-las

mais uma vez. De tão manuseados alguns desses livros, que ainda hoje estão na casa dos meus pais, perderam suas capas ou algumas de suas páginas.

Na escola, com a alfabetização, veio a minha primeira sensação de independência. A independência para a leitura. Não era mais necessário que meus pais lessem para mim tudo aquilo que me despertava curiosidade. Lembro-me do dia que minha mãe me acompanhou à Biblioteca Municipal para que eu fizesse o cadastro de empréstimo de livros. Ali se abriu um novo mundo para mim. Como em toda boa cidadezinha de interior, na minha não acontecia muita coisa. Se no verão as coisas já não eram muito agitadas, os invernos frios faziam com que alguns dias fossem longos e entediantes. Preenchi muitos desses dias com a companhia dos livros.

Foi no Ensino Médio quando comecei a ler os livros de Érico Veríssimo que, finalmente, conheci Bibiana Terra. A personagem, de gênio teimoso e personalidade forte, de "O Tempo e o Vento" que inspirou meus pais para a escolha do meu nome. Confesso que, ao ler esse livro pela primeira vez, fiquei intrigada com a escolha dos meus pais. Bibiana Terra não me parecia, exatamente, o tipo de personagem que se escolhe para colocar o nome em uma filha.

Essa também foi a época das, nem sempre agradáveis, leituras obrigatórias para o vestibular. Lembro-me de em poucos dias ter lido, e adorado, "Dom Casmurro" de Machado de Assis e de ter passado semanas tentando interpretar alguma coisa das poesias da "Rosa do Povo", do Drummond. Como era difícil entender aquelas poesias. Foi quando percebi que para compreender alguns livros era necessário, além de vontade, conhecer o contexto histórico e social no qual aquelas obras haviam sido escritas.

Durante a graduação os meus hábitos de leitura se modificaram um pouco. Com o grande volume de conteúdo a ser estudado e reestudado, em cada disciplina minhas leituras ficaram mais restritas aos assuntos técnicos e científicos. A leitura de livros literários, que ficou somente para os momentos de descanso e férias era, muitas vezes, usada como fuga da chatice de algumas disciplinas.

Hoje, a minha rotina de leitura continua bem semelhante à dos tempos de graduação. Cheia de artigos científicos, manuais, protocolos e teses. A diferença é que aprendi a incluir os livros literários no dia a dia. Leio biografias e livros de ficção que falam sobre pessoas e aspectos da minha área de trabalho. Nem sempre úteis ou aplicáveis, mas muito mais divertidos.

CAMILA MARIA DE SOUZA OLIVEIRA

Nasceu em Florianópolis, no dia 04 de janeiro de 1989. Foi criada no Canto da Lagoa e vive atualmente no sul da Ilha. Formada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina, atua como Assistente em Administração na UFSC desde maio de 2012.

AUTOBIOGRAFIA

Minha relação com a leitura começou muito cedo, pois sempre gostei de fugir da realidade. Nesse sentido, sempre busquei pela literatura fantástica. Até hoje, quando ainda tenho tempo para me dedicar a algo que não seja específico da minha área, busco por esse tipo de livro.

Aprendi a ler com cinco anos e desde então tive muitas experiências com livros, porém muitas vezes limitadas a gêneros específicos.

Durante a fase escolar (Ensinos Fundamental e Médio) tive contato com alguns clássicos da Literatura Brasileira, como

Machado de Assis e José de Alencar, por iniciativa própria. Inclusive, meu livro preferido, no que diz respeito à Literatura Nacional, é “Senhora”, de José de Alencar. “Iracema” e “Lucíola” também estão entre os meus favoritos. Li inúmeros livros de Machado de Assis, desde seus breves contos até os famosos “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro”. Gostei muito também do “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo. Li muitos outros, indicados como leitura obrigatória, mas estes são os que me marcaram enquanto estudante da Literatura Brasileira.

Já no que diz respeito à Literatura Fantástica (sempre estrangeira, nas minhas leituras), minha adolescência foi rica em personagens. Toda a saga “Harry Potter”, “O Senhor dos Anéis”, “O Hobbit”, “As Brumas de Avalon”, “Crepúsculo”, “O Código da Vinci” e os demais livros de Dan Brown. Tantos outros... me perco em memórias. Foi a época da minha vida que mais tive prazer na leitura, pois tirando as leituras obrigatórias do Colégio, lia apenas o que tinha interesse, o que me fascinava.

Quando entrei na Faculdade, com meus dezoito anos, a situação mudou. Comecei a trabalhar durante o dia e estudar durante a noite, portanto não me restava praticamente nenhum tempo livre para leituras prazerosas. O curso de Direito exige muita leitura, mas naturalmente toda focada em suas especificidades. Sendo assim, foram poucos livros de literatura estrangeira e fantástica (meus preferidos) que tive a oportunidade de ler. No entanto, me marcaram muito a Saga “Millennium”, com seus três livros; os diversos livros de fantasia com foco histórico de Bernard Cornwell, principalmente as trilogias “As Crônicas de Artur”, “A busca do Graal” e “As Aventuras de Sharpe”; Os enormes livros de George R. R. Martin em suas “Crônicas de Gelo e Fogo”,

atualmente com cinco volumes. E, finalmente, Jonathan Strange & Mr Norrel, de Susanna Clarke.

Essas são as minhas memórias de leitura, ao menos os livros que mais me marcaram. Afinal, a leitura é praticada todos os dias, não apenas nos momentos em que deitamos na cama ou nos sentamos num confortável sofá e somos transportados para um novo mundo.

CLAUDIO MARCIO ARAUJO DA GAMA

Nasceu em Curitiba, PR, no dia 19/08/1971. Mora em Florianópolis, SC. Formado em Administração de Empresas e Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública pela UFPR. Especializado em Gestão em Saúde pela UFSC. Atua como Chefe da Seção de Expediente - SEXP da Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Ciências Médicas - CCPGCMED do Centro de Ciências da Saúde - CCS da UFSC. Na UFSC desde 19/08/2011.

AUTOBIOGRAFIA

Minha memória de leitor é posterior à de escritor. Lembro-me de empunhar uma caneta esferográfica e expressar pelo menos parte dos meus pensamentos sobre a superfície de um sofá-cama de courvin vermelho. Aquela velharia seria descartada ou doada em razão de uma minirreforma na decoração da sala de visitas da casa onde vivia na Rua Cinco (hoje Rua Guarapuava), número 36, Conjunto Residencial Nova

Esperança, bairro Atuba, Curitiba-PR. A casa ainda é da família e lá vive uma tia. Está até no Google View. Estas lembranças são precursoras às de leitor porque, segundo relato de familiares, os fatos ocorreram quando eu estava com cerca de 1 ano de idade (por volta de 1972). A oportunidade de leitura apresentou-se a mim por volta de 1977, pelo menos é o que recordo, por meio de um almanaque de histórias em quadrinhos de um famoso autor estadunidense. Só entendia as figuras e as cores. O ano seguinte seria o da minha alfabetização e introdução ao mundo dos signos fonéticos.

A primeira lembrança de livro, ainda que didático, é da Cartilha Pingo de Gente. O primeiro livro literário, este sim lido na biblioteca da Escola Municipal Anísio Teixeira, foi de autoria de Monteiro Lobato e os primeiros contatos com as personagens fantásticas que anos mais tarde hipnotizava as crianças da minha idade através da telinha da televisão em preto-e-branco. A literatura me abandonou até 1983, quando já na 5ª Série (6º ano) do ensino básico a professora de Língua Portuguesa da Escola de Ensino Básico Barão do Rio Branco indicou como leitura obrigatória o livro "A Ilha Perdida", de autoria de Maria José Dupré, da coleção vaga-lume. Foi a primeira aventura no mundo das letras. No mesmo ano, vieram "O Gigante de Botas", de Ofélia e Narbal Fontes, "O Mistério do Cinco Estrelas", "As Aventuras de Xisto", "Xisto e o Pássaro Cósmico", "A Primeira Reportagem", nem todos de leitura obrigatória mais indicados na contra-capa do primeiro. Todos emprestados da biblioteca da escola. Nesta época as atenções eram divididas com histórias em quadrinhos da "Turma da Mônica" de Maurício de Souza do acervo particular de um vizinho chamado Lirley Magaldi.

Já no ensino médio, no Colégio Decisivo, entre várias obras como "Olhai os Lírios do Campo" de José Mauro de

Vasconcelos, “Cem Dias entre Céu e Mar” de Amir Klink, “Cinco Minutos”, “O Cortiço” de Álvarez de Azevedo (este lido e relido diversas vezes), “Dom Casmurro”, “Vastas Emoções de Pensamentos Imperfeitos” de Rubem Fonseca (este relido também algumas vezes) rendeu uma verdadeira revisão literária do autor. Li praticamente todas as suas obras como “Feliz Ano Novo”, “O Caso Morel” e tantos outros do tipo narrador-personagem em primeira pessoa em linguagem cinematográfica.

A vida universitária me levou a priorizar leituras de livros didáticos e de escritores acadêmicos em conjugação com textos de autores jornalistas, administradores e juristas. Vale destacar a linguagem rica e acessível de Hely Lopes Meireles em seus textos sobre Direito Administrativo. As leituras técnicas me levaram a também escrever resumos, resenhas, artigos e outras produções acadêmicas publicadas. Alguns destes textos já renderam citações em trabalhos acadêmicos, reproduções/republicações em outros sites, entrevistas em redes de jornais, rádios e televisões de alcance local, estadual e nacional. Texto de minha autoria já foi até aproveitado em prova de Língua Portuguesa e Interpretação de Texto de Concurso Público. A internet levou longe meus textos e minhas impressões acerca deste mundo em intensa transformação. Ainda hoje costumo compartilhar com meus leitores resumos das minhas leituras do mundo acadêmico e profissional.

EVANDRO MACHADO FERNANDES

Nasceu em Florianópolis, no dia 21/02/1979. Voltou a morar em Florianópolis em 2011 após viver durante 7 anos em Berlim. Formado em Arquitetura e Urbanismo em 2004 pela UFSC, concluiu em 2006 um Mestrado profissional também nessa área na Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam/Alemanha. Atua como Arquiteto e Urbanista junto ao Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia (DPAE) da UFSC desde junho de 2012.

UM MUNDO MÁGICO SEMPRE AO ALCANCE

Tenho bastante dificuldade em identificar qual teria sido a faísca inicial que deu início a minha paixão pela leitura. Não me lembro de terem lido muitas histórias para mim quando criança, mas sempre ouvi de minha mãe que meus primeiros passos no aprendizado da leitura foram bastante incentivados pelas minhas irmãs mais velhas. A diferença de idade não era tão grande, mas foi o bastante para as duas me usarem em suas brincadeiras de escola. Comigo, é claro, sempre no papel de aluno.

Meus pais também tiveram um papel importante no incentivo à leitura. Minha mãe, como pedagoga, garantiu meu

contato com uma boa literatura infantil e meu pai, com sua rotina diária de leitura de uma famosa revista semanal, demonstrou na prática que o hábito da leitura era algo saudável.

Inicialmente meu interesse pela leitura ficou restrito às revistas em quadrinhos, as quais eu avidamente consumia. Lembro-me bem de investir basicamente todo o dinheiro que chegava as minhas mãos na aquisição de inúmeros exemplares. Se o conteúdo dessas revistas não me proporcionou experiências profundas de reflexão crítica, pelo menos o hábito de lê-las contribuiu para desenvolver minhas habilidades de leitura.

Com o tempo, os gibis foram sendo substituídos por livros que me apresentaram histórias fantásticas e um imenso e fascinante mundo de ideias, no qual eu amava emergir. Passando por diferentes fases, fui entrando em contato com diferentes autores e obras, que me fizeram mergulhar cada vez mais fundo no mundo da literatura. Começando pelos livros da Série Vagalume, cheguei a devorar praticamente toda a obra de Monteiro Lobato, entrei de cabeça no mundo de Agatha Christie e fiquei maravilhado com as aventuras fantásticas de Jules Verne. Para saciar minha sede por novos livros tornei-me frequentador assíduo da Biblioteca Pública estadual, passei a praticar a troca de livros com amigos e tornei-me membro de um clube de livros.

Quando ingressei no segundo grau, consegui na medida do possível manter o bom hábito de leitura que tinha desenvolvido em minha adolescência, mas a preparação para o vestibular acabou por desviar um pouco meu foco. A prova de literatura do vestibular não incentivou de forma alguma a leitura, pelo menos na época que o prestei. Devido ao grande número de livros que foram cobrados e ao pouco tempo que sobrava para a leitura em função de todo o conteúdo a ser

estudado, optei pela leitura de resumos, como a maioria absoluta de meus colegas. Enfim, essa fase de vestibular não serviu para incentivar a leitura em minha vida. Ainda bem que eu já havia descoberto o mundo mágico da literatura anteriormente.

Foi mais ou menos nessa época que eu procurei ter contato com uma literatura mais densa e mais exigente. Passei a ler os grandes clássicos da literatura e a admirar autores como Victor Hugo, Dostoiévski, Kafka e Tolstói. Lembro-me de uma coleção que era vendida em bancas de revista, trazendo livros clássicos por um preço acessível. Nem preciso dizer que aproveitei muito esta oportunidade para incrementar minha biblioteca. Alguns dos livros marcaram minha vida e muitas vezes eu emocionei-me durante a leitura deles. O mais importante deles com certeza foi a Bíblia, que desde esta época me acompanha e enriquece minha vida como fonte inesgotável de verdades e sabedoria.

Mais tarde tive o privilégio de morar na Alemanha e consegui aprender a língua alemã de tal forma que pude apreciar a leitura de obras, que tem seu original nessa língua, o que é uma experiência muito enriquecedora. Até hoje, vivendo novamente no Brasil, procuro manter uma leitura diária em alemão para não perder minhas habilidades nessa língua.

GRACIELA DE CONTI PAGLIARI

Mora em Florianópolis desde 2010. Formada em Direito pela UNISINOS, especialização em Integração e Mercosul e em Direito Internacional, ambas pela UFRGS, mestrado em Relações Internacionais pela UFRGS e doutorado em Relações Internacionais pela UnB. É professora de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desde 2012.

MINHA RELAÇÃO COM OS LIVROS

Não lembro como foi que ganhei meu primeiro livro. O que lembro, no entanto, é que sempre tive uma estreita ligação com eles. Lembro que, desde sempre, eles fizeram parte de minha vida. Meus pais incentivavam muito a leitura, por isso, ressaltavam para a família que livros e jogos eram bons presentes! Talvez em algum momento não entendi porque ganhava livros enquanto meus amigos se deleitavam com brinquedos da moda novinhos em folha.

Muito cedo fui presenteada com uma estante para meus próprios livros. Lembro até hoje como me parecia grande e era bonita. Cor de rosa, por suposto! Logo, logo a mesma estava repleta de livros e revistas em quadrinhos. Sim, estas também faziam parte de meu cotidiano. Especialmente as do Tio Patinhas e dos sobrinhos do Pato Donald, Huguinho, Zezinho e Luisinho e suas peripécias como escoteiros. Adorava as histórias de aventura! Não gostava da Mônica, muito mandona e cheia de verdades!!!

Sim, minha infância foi recheada de livros de história infantil, livros e discos que contavam as histórias e revistas em quadrinhos. Inicialmente, como não sabia ler, eu inventava as histórias a partir das figuras. Mesmo que alguém lesse as histórias para mim, eu criava outras cenas, outros contextos e finais diversos. Segundo minha mãe, sempre fui muito criativa.

Mais tarde, devorava as letrinhas todas e ouvia milhões de vezes os discos em vinil que contavam a mesma história que eu havia devorado no livro. Lia mil vezes o mesmo livro, a mesma revista em quadrinhos e sempre me surpreendia com a narrativa dos personagens, com os finais... Estava sempre com o fôlego preso nos momentos mais intensos das aventuras!

Quando a adolescência veio, adorava andar entre as estantes da biblioteca da escola para procurar livros para ler. Romances, agora. Depois da faculdade a vida e suas circunstâncias vão nos impondo outras realidades. Agora sobra muito pouco tempo para contos, crônicas, romances, revistas. O que leio agora são os livros técnicos da minha profissão, especialmente os de segurança internacional e teoria das relações internacionais. Mas nunca me falta um bom Neruda na cabeceira.

Sim, a minha mesa de cabeceira é diversificada. Além de monografias, dissertações e livros técnicos, tenho sempre algo do grande Pablo Neruda para iluminar meus dias, alegrar minha vida e nunca esquecer do quanto pode ser belo escrever bem e devorar as lindas palavras que os grandes escritos nos presenteiam. Engraçado, Neruda consegue exprimir tão bem aquilo que muitas vezes tenho vontade de dizer e não sei como!!

Ah, os livros. Eles são parte da minha vida desde sempre. Tenho uma filha de 6 meses e a primeira coisa que comprei para ela foi um livrinho a fim de que pudesse desde sempre devorar as letrinhas e ter curiosidade em saber quais as palavrinhas que formam cada um dos livros que já estão na sua estante.

JOSÉ ALCINO FURTADO

Nasceu em São Paulo, SP, no dia 30/11/1964. Mora em Florianópolis desde 1974. Formado em Gestão da Tecnologia da Informação, atua como Assistente de Laboratório na UFSC desde 1993.

MINHA AUTOBIOGRAFIA LEITURÍSTICA (OU COMO CONVERTI UM DEFEITO EM UMA VANTAGEM)

Nasci em uma família simples e de pouquíssimas posses, onde até o material escolar era algo difícil e controlado. Meus pais com pouca educação se preocupavam em colocar comida em nossos pratos e nos encaminhar à escola. A escola sempre foi sagrada e nota boa era obrigação. Assim, eu, meus dois irmãos mais velhos e minha irmã mais nova crescemos em um lar nada influenciado pela ou para a leitura.

Líamos por diversão gibis e uma ou outra revista que nos aparecesse. Eventualmente, meu pai, na melhor da intenções, comprava alguma enciclopédia achando que isso nos ajudaria nos estudos. Mas a leitura dessas coleções comerciais não era nada empolgante. Era mesmo algo maçante.

Na escola, porém, a coisa era diferente. Lá as professoras no obrigavam a ler os livros “educativos”. Mas devo confessar que ser obrigado a ler nunca foi algo prazeroso para mim. Ler ‘A Ilha Perdida’ e fazer ficha de leitura foi algo nada incentivador. Posso dizer que foi mesmo o contrário disso.

Apesar de ter uma boa capacidade de leitura, o hábito de ler foi se transformando em algo sinônimo de entediante e cansativo. Lia textos curtos e divertidos.

Na formação escolar do segundo grau, fiz um curso técnico, na Escola Técnica Federal de Santa Catarina, na qual o hábito da leitura era orientado a textos técnicos.

Ainda jovem, me casei com uma moça que, ao contrário de mim, era uma leitora ativa. Consumidora contumaz de poesias, crônicas e romances, acabou por me levar a ler várias coisas que tinha nas estantes. Li diversos livros de crônicas, um gênero com o qual me identifiquei.

Tivemos dois filhos e essa força vital voltada à leitura que a mãe deles carregava consigo foi passada a eles.

Sinto por não ter comigo esse gosto pelo hábito de ler, mas me conforto por ter deixado à minha filha um patrimônio maior que qualquer herança. Ela me pede livros de presente de aniversário, lê com prazer e consome livros com uma vivacidade que me empolga e orgulha.

Hoje, mesmo após passada certa idade, voltei a estudar e estou fazendo minha graduação e a leitura aparece novamente como meio de me manter atualizado, pelo menos na área em que estudo.

Não me tornei um habitué dos livros e textos, mas reconheço neles seu valor.

JOSE RICARDO VIEIRA NETO

Nasceu em Florianópolis, no dia 30 de novembro de 1961. Mora no Saco dos Limões. Formado em Ciências Sociais, atua como Assistente Administrativo no Centro de Culturas e Eventos da UFSC desde 25 de maio de 1983.

AUTOBIOGRAFIA

Posso dizer certamente que minhas dificuldades com leitura estão relacionadas diretamente com a ausência dela na minha infância. Gostaria que tivesse sido diferente, mas, assim, com a carência de muitas coisas me criei e consegui me sair muito bem. Não fui aquela criança prodigiosa que encontrou de alguma forma milagrosa o mundo dos livros e que tenha uma história para contar. Pensando agora sobre o que tinha na minha casa dei uma risada, pois lembrei que tinha muitas revistas de fotonovela. Se disser isso para meu filho tenho certeza que vai ser algo tipo “Além da Imaginação”. Além disso, me lembro de gibis da Disney e (lá vai outra coisa arcaica) almanaque anual da Farmácia Catarinense, na época que só tinha uma. Jornal lá em casa era só quando vinha enrolando o peixe. Vocês devem estar

se perguntando em que fim de mundo me criei, né? Pois bem, vim de um lugar que tem um nome estranho, e, que em 51 anos de minha vida, mudou alguma coisa, mas só alguma coisa, pois os estabelecimentos dos velhos senhores das vendas (onde comprávamos pão e os restos dos mantimentos), o vereador do bairro, a empresa de ônibus, as casas antigas de madeira, não existem mais ou se aposentaram. Estou dizendo tudo isso para terem uma noção de onde cresci. Foi num lugar que o tempo passou muito devagar, aonde a televisão chegou ao final da década de 1960, onde estudar, para minha família (composta por sete tios, irmãos de minha mãe e por umas cinco dezenas de primos), era ir à escola para "tirar o primário". Então, foi nesse tempo, lugar e ambiente que estive em minha infância, alienado totalmente do resto do mundo fisicamente, de informação e de literatura. Por isso que sou muito mais ligado à imagem do que a leitura, pois quando a televisão chegou, foi nela que viajei pelo mundo.

Entrei pela primeira vez em uma sala de aula, na escola do bairro, em 1969, com sete anos, quando comecei a sair de baixo das asas de minha mãe e me relacionar com pessoas que não eram da família ou da vizinhança. Era um lugar novo onde usava uniforme que me identificava como membro daquele lugar onde tinha regras, horários e aula de educação física. Foi ali que comecei a ser alfabetizado e fazer o que pediam para não me chamarem a atenção. Parecia mais uma obrigação, pois tínhamos que cantar o difícil hino nacional no pátio antes de começar a aula e quem fazia alguma "arte" era chamado atenção diante de todo mundo. Detestava as aulas de EMC (Educação Moral e Cívica) e de religião. O melhor momento era na hora do recreio depois de comer uma "banana recheada", brincava com os colegas de bola, de pegar, de luta etc. Depois da escola, em

casa, fazia os deveres e minha mãe me ajudava a desenhar as primeiras letras. Nunca gostei de escrever, nunca tive uma letra bonita e sempre imitava a dos colegas que escreviam certinho, as folhas do caderno pareciam uma obra prima. Nunca consegui, pois tentar fazer igual só me fazia escrever bem mais devagar e para acompanhar os garranchos ressurgiam. Até hoje detesto escrever a mão. A partir da 5ª série já não me sentia mais obrigado a estudar. Continuei não sei por qual motivo. Deve ter sinto meu instinto que me fez perceber que estar na escola era melhor do que esta fora dela e ainda bem que sozinho fiz a coisa certa. Foi nessa época também que comecei a escrever em letra de forma, o que facilitou o entendimento do que escrevia. Nessa época me lembro de ter lido o meu primeiro livro, Ana Terra, de Érico Veríssimo, emprestado por uma vizinha, a Mara, quando a família dela veio morar em frente a minha casa. Comecei a ler livros muito tarde, mas acertei em cheio. A obra de Veríssimo me abriu a cabeça e me fez olhar as mulheres de uma forma que nunca teria imaginado ser possível.

Esta fase de minha vida, com 15 anos, foi a pior em termos de estudo. Depois de concluir o ensino fundamental na Escola Básica Getúlio Vargas, do Saco dos Limões, fiquei dois anos sem estudar, sem fazer nada de produtivo. Depois de dois anos, aos embalos de Saturday Night Fever, com quase 18 de idade, comecei a trabalhar num programa da Prefeitura Municipal de Florianópolis como Office Boy e, através do chefe, entrei para o grupo jovem da Catedral de Florianópolis. Posso dizer que minha vida tomou um novo rumo. No ano seguinte, retornei a escola e fui estudar no Instituto Estadual de Educação. Mas... Não queria me esforçar muito e não consegui passar de série nos dois anos que estive lá. Em 1981 voltei a estudar na minha antiga escola, agora Colégio Estadual Getúlio

Vargas. Iniciei o curso de Desenho de Instalações Elétricas. Em 1983 comecei a trabalhar na UFSC e estudava a noite. Como não tinha tempo e dinheiro para fazer cursinho e para fazer a faculdade de arquitetura, pois exigia tempo integral, me inscrevi no vestibular para Curso de Ciências Sociais. No final do ano me formei no 2º grau e somente eu e outro aluno do colégio passamos no vestibular. Foi muita gratificante, uma conquista pessoal. Fui o primeiro de minha família, que sempre morou no Saco dos Limões, a ingressar numa universidade. A Falta de leitura, ou a dinâmica do ato de ler, me faria muita falta no futuro.

Primeiro semestre de 1984, inicio o Curso de Ciências Sociais e me deparo com essa nova dinâmica de estudar, num ambiente intelectual e com colegas oriundos de várias cidades de SC, do Brasil e do mundo, um ambiente que gostei muito, pois gostava muito dessa diversidade de culturas, sotaques, estilos, ideias, ideologias etc. Mas foi aí que senti de verdade o quanto me fez falta leitura na minha vida. De repente fui apresentado aos Srs. Sócrates, Platão, Aristóteles, ler textos de antropologia, sociologia, política, economia, diferenciar capitalismo, comunismo, socialismo etc. Ainda bem que os amigos que fiz eram “Os caras” e “As caras”, ouvir eles, conviver com eles foi muito recompensador e, ainda hoje, continuamos enturmados. Claro que na faculdade não lemos livros, lemos capítulos, artigos, os livrinhos Primeiros Passos. Para ler tudo isso era muito difícil e mal conseguia acompanhar meus amigos e repeti muitas matérias durante o curso. Consegui me formar em 1989 e só retornei à academia para fazer uma especialização em administração em agosto de 2012.

Comecei a gostar de escrever quando em 1995 assumi a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Antropologia,

justamente quando comecei a ter contato com o computador. O PC me liberou para escrever, me libertando de escrever de forma manuscrita.

Logo após minha graduação fiz cursos de extensão em cinema, trabalhei como assistente de produção em algumas curtas metragens, em comercial e produzi um curta. Frequentei cursos de fotografia e de cinegrafia.

LENY WACHOSKI FLETES

Nasceu em Guaíba, RS, em 04 de outubro de 1957. Mora em Florianópolis desde 1993. Formada em Biblioteconomia pela UFSC em 2004, tem Especialização em Educação Infantil e Séries Inicias com Ênfase em Educação Especial pela UNIESC. Servidor Técnico Administrativo Cozinheira. Atua como Auxiliar de Almoxarifado no Restaurante Universitário. Na UFSC desde 1993.

AUTOBIOGRAFIA

Alfabetizada em uma pequena escola, onde se deu o primeiro contato com a leitura através da cartilha da escola de revistas religiosas. Ainda na infância buscava soluções na leitura de recortes de jornais e revistas para escapar dos castigos de sua mãe pelas suas desobediências. Deu continuidade de seus estudos em Guaíba e posteriormente concluiu o 1º e 2º graus em Porto Alegre na formação de secretária no Instituto de Educação General Flores da Cunha (1982). Casou e teve 02 filhos. E

durante as férias de 1993 em Florianópolis, ficou sabendo do concurso da UFSC para provimentos de vários cargos a possibilidade de se livrar dos infortúnios da cidade grande. Instituição onde trabalha desde 1993 e onde obteve sua formação no curso de Biblioteconomia em 2004 e especializou se em Educação Infantil com ênfase em Educação Especial em 2010 na UNIESC. No momento esta planeja fazer o mestrado e se encontra nos cursos de capacitação, pois para ela estudar, ler e pensar é a solução de mudar o mundo.

LILIAN CRISTIANE SILVA DE OLIVEIRA

Nasceu em Petrolina, PE, no dia 29 de setembro de 1980. Mora em Florianópolis, SC, desde 1992. Formada em Administração pela UDESC em 2003. Em 2005 concluiu o curso de pós-graduação em Gestão de Pessoas pela UFSC. Atua como Administradora no Departamento de Desenvolvimento de Pessoas da UFSC desde janeiro de 2011.

A LEITURA NA MINHA VIDA: UMA BREVE RETROSPECTIVA

Quando penso nas primeiras lembranças da presença da leitura na minha infância me remeto à época da alfabetização, quando cada leitura de placa ou outdoor era motivo de comemoração, mas também, e especialmente, à época em que contava histórias ao meu irmão mais novo. Não tenho lembranças de escutar histórias contadas pelos meus pais (embora meu pai tenha me influenciado pelo exemplo, pois

estava e até hoje está, sempre lendo), mas lembro bem de contar muitas histórias de aventuras que tanto agradavam ao me irmão.

Já na época da escola, lembro do primeiro livro que ganhei, na verdade não lembro o nome, mas lembro que falava sobre ursos. Desta época me recordo também das feiras de livro promovidas pela escola em que estudava, da presença de autores de livros infantis nestas feiras e do primeiro, e único, livro que escrevi. Foi um projeto da aula de português e a proposta foi escrever um livro para o dia das mães, baseado no livro "As patas da vaca", de Bartolomeu Campos de Queirós, aproveitando que a escola receberia o autor para um encontro com os alunos. Gostei tanto da experiência, que, durante toda a infância, passei a responder "escritora" à pergunta "o que você quer ser quando crescer?"

Tanto a minha infância, quanto boa parte da adolescência, foram marcados por um forte envolvimento com a leitura. Entre outros tantos, destaco os livros da coleção Vaga-lume, que meus irmãos e eu sempre líamos e depois criávamos brincadeiras baseadas nestas histórias. Além de toda a diversão que essas leituras proporcionaram, também acredito que a personalidade que tenho hoje foi construída, também, através destas experiências.

Um pouco mais tarde, quando entrei na fase de preparação para o vestibular, passei a ter contato com uma leitura mais densa. As escolhas para leitura passaram a ser feitas não com base no que eu queria, mas sim, no que precisava. Entretanto, ainda assim, tenho memórias agradáveis. Em grande parte porque, nas aulas de português, as leituras embasavam montagens de peças teatrais. Interpretávamos tanto os livros exigidos para o vestibular quanto histórias escritas por nós

mesmos. Uma bela forma de fixarmos as histórias e compreendê-las!

Ao entrar na faculdade, meu universo de leitura passou a ser livros e revistas que tratassem de assuntos ligados à Administração, curso que fiz. O tempo ficou mais escasso, esqueci o sonho de ser escritora, embora tenha prestado o primeiro vestibular para Jornalismo, e, durante muito tempo, confesso, pouco diversifiquei meus tipos de leitura.

Após a conclusão da faculdade, fiz uma especialização em Gestão de Pessoas, comecei a trabalhar na área de Recursos Humanos e, novamente, durante um longo período, praticamente tudo que eu lia tratava de assuntos que contribuíssem diretamente com meu desenvolvimento profissional. Cerca de três anos atrás, passei a me preparar para prestar concurso para ingressar em uma carreira pública e, mais uma vez, tudo o que lia era o que estava presente nos conteúdos programáticos dos editais.

Agora, como servidora pública, e com a vida novamente organizada, passei a recuperar o tempo perdido e a buscar a leitura como fonte de prazer e claro, também de conhecimento, mas conhecimentos que possam ir além do meu escopo de atuação. Embora eu admita que ainda seja mais presente em minha vida a leitura através de outras formas de arte. Sou uma grande apreciadora de cinema, teatro e música. Em especial, a música, que sempre me acompanha para relaxar, para emocionar, para pensar. Sem dúvidas, a música é a minha melhor terapia.

MANUELA COELHO PEREZ

Nasceu em Cuiabá, MT, em 28 de novembro de 1975. Graduada em Administração de Empresas, Pós-graduada em Gestão Empresarial. Atua como Assistente Administrativo desde novembro de 2012, trabalhando na Pró-Reitoria de Planejamento, Departamento de Planejamento Institucional.

AUTOBIOGRAFIA

Lembro-me como se fosse hoje, todas as noites, minto, não eram todas as noites, pois meus pais não tinham tanta paciência para isso, mas com uma certa frequência dormia ouvindo as histórias que meus pais me contavam. Eram diversas, dentre elas, Chapeuzinho Vermelho, livros do Tesouro da Juventude e gibis infantis.

Já na adolescência, era uma guerra às bancas. Meus dois irmãos e eu sempre esperávamos ansiosos a hora do meu pai comprar o seu jornal, sempre aos Domingos. É claro que não estávamos interessados nos jornais Folha de São Paulo e Estadão, íamos correndo ver a seção dos gibis. Turma da Mônica era o mais lido, seguidos por Tio Patinhas e outros menos relevantes. Mas a coleção mesmo que fazíamos e

devorávamos era a Turma da Mônica. Quem não se lembra até hoje do jeito “elado” que o Cebolinha falava? E as comilanças da Magali? Tudo isso sem contar a falta de banho do nosso amigo Cascão e os dentes enormes da nossa querida Mônica.

É, o tempo passa. Quando me dei conta, a campainha tocava sem parar em casa, e adivinha quem era? Sim, ele mesmo, o moço da Barsa. Pois é, era assim que a gente, eu e meus irmãos, o chamávamos. Era um senhor sempre de idade, que vivia sempre acompanhado de alguns exemplares. Mostrava tudo o que tinha para a minha mãe, e ela, após conversar no seu quarto com meu pai, decidia sempre em comprar a coleção toda. Um fato que me recordo bem é que as Barsas ficavam na estante da sala, toda aquela coleção numerada, e sabia que não era tão barato assim, pois meus pais exigiam muito cuidado quando estivéssemos manuseando-as. Lembro-me perfeitamente de um trabalho que tive na escola, sobre Tiradentes, fui lá, procurei na Barsa, copiei tudo, “ipsis litteris” e ainda desenhei a foto dele sendo enforcado e consegui tirar o meu primeiro “DEZ” em trabalho escolar. Fiquei radiante!

Já no 2º grau, me foi forçado a ler Capitu, Memórias Póstumas de Brás Cubas, dentre outros livros do gênero. Digo que me foi forçado a ler, pois não nos foi apresentado de uma maneira amigável e que eu tivesse vontade de ler aquele conteúdo. Acho que uns dos motivos de não gostar de ler tanto, talvez possa atribuir a maneira que a literatura foi imposta em minha vida, mas precisamente no 2º grau.

Assim que terminou o 2º grau e a faculdade de Administração, fiquei um período no exterior. Morei sete anos em Londres, e isso fez com que ficasse afastada completamente de livros e revistas brasileiras. Deixando mais uma vez de lado a leitura considerada tão importante nos dias de hoje.

Há três anos, quando retornei ao Brasil, resolvi estudar para concursos públicos. Então tive que deixar de lado, pela 3ª vez, as leituras informativas, tendo que me aprofundar em livros apenas específicos, Constituição do Brasil, Livros de Direito Administrativos, Direito Constitucional, enfim, essa gama enorme de livros relacionados como tema do edital do concurso. E tudo isso não podia ter acabado de uma maneira diferente, estou agora sentada na minha mesa, de frente para o meu computador, tendo que escrever sobre a minha autobiografia e pensando como posso melhorar minha leitura crítica e tentar talvez gostar um pouco mais de ler. Preciso de fato aprender a gostar de ler, pois hoje sei que a leitura faz uma enorme diferença na vida de qualquer cidadão.

MARCELO AREND

Natural de Santa Maria, RS. Torcedor do Grêmio Porto Alegrense. Doutor em Economia (UFRGS, 2009), Mestre em Economia (UFSC, 2004) e Bacharel em Ciências Econômicas (UFSM, 2002). Professor Adjunto da UFSC, no Departamento de Economia e Relações Internacionais. Também é professor do Programa de Pós-graduação em Economia (UFSC). Dedica suas pesquisas às áreas de Economia Brasileira, Economia Política e Desenvolvimento Econômico. Reside em Florianópolis desde 2011.

BREVE AUTOBIOGRAFIA SOBRE MINHA VIDA DE LEITURA

Durante a infância minhas principais leituras estiveram relacionadas a histórias em quadrinhos, principalmente de Walt Disney, como Pato Donald e Tio Patinhas. Também lia gibis brasileiros, sobretudo a Turma da Mônica. Sempre que ia ao "centro" da cidade com minha mãe, uma ou duas revistinhas sempre retornavam comigo. Meus pais não tinham o hábito da leitura, eram comerciantes semi-analfabetos, e trabalhavam praticamente o dia inteiro. À noite, assistíamos ao Jornal Nacional e em seguida à "novela das oito". Depois, cama, com uma revistinha embaixo do travesseiro.

Na educação infantil, lembro que minhas professoras sempre liam para a turma histórias infantis clássicas, como o Soldadinho de Ferro e Pinóquio. Nesse período, segui com

minhas leituras sobre o Pateta e o Cebolinha. A partir da 5ª e 6ª série do ensino fundamental, comecei a pegar gosto pela história, ao tomar contato com questões que desde cedo me instigaram, como as grandes navegações e o descobrimento do Brasil.

Já na adolescência, a literatura brasileira nunca me atraiu, apesar de ser matéria obrigatória na escola e na preparação do vestibular. Talvez por ser leitura obrigatória, não lia. Fazia mais leituras de músicas do Raul Seixas e traduções dos Beatles e Led Zeppelin do que a obrigatória para o vestibular. Todavia, seguia lendo bastante história, principalmente do Brasil.

Ao ingressar na universidade, no curso de economia, aprofundei ainda mais minhas leituras sobre história, principalmente história do capitalismo e da formação econômica do Brasil.

Em minha monografia de final de curso, aproveitei para estudar um tema que sempre tive interesse: história sul-rio-grandense. Li o que a biblioteca me disponibilizava sobre a formação fronteiriça do RS, Guerra dos Farrapos e Revolução Federalista, processos de imigração, loucuras de separacionismo etc, para compreender melhor as especificidades da economia gaúcha.

Em meu mestrado e doutorado aprofundei meus conhecimentos através da leitura sobre a história econômica do RS e do Brasil. Também, ao iniciar a atividade docente, além das disciplinas cursadas por mim relacionadas à teoria econômica, que demandam leituras de “economês”, sempre estive ministrado disciplinas de história econômica do Brasil.

Atualmente, estou me aventurando em leituras que considero as grandes interpretações do Brasil, visitando autores

como Sergio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro, Machado de Assis, Celso Furtado, entre outros. Ainda quero entender as razões do “atraso” do Brasil em relação à economia. Percebo que quanto mais leio sobre o Brasil, mais difícil é de compreendê-lo, e explicá-lo, função da atividade docente. Meu projeto é ofertar uma disciplina no curso de pós-graduação em economia sobre os “interpretes do Brasil”, para seguir lendo e pesquisando o que gosto desde minha infância.

MARIANA WAGNER DA SILVA

Nasceu em Florianópolis, SC, no dia 21 de agosto de 1986. Formou-se em Ciências Contábeis em 2010 pela UFSC e tem o título de especialista em Administração, Gestão Pública e Políticas Sociais pela Faculdade Dom Bosco em 2013. Atua como contadora no Departamento de Gestão Orçamentária. Na UFSC desde 26 de outubro de 2012.

CAMINHADA DA LEITURA EM MINHA VIDA

Minha relação com a leitura tem muitos altos e baixos. Na infância não me recordo de meus pais contarem histórias infantis. Lembro-me de minha mãe ler muitas revistas de fofoca e novela e meu pai sempre lia diariamente o jornal Diário Catarinense. Na minha casa sempre tivemos a cultura de assistir muito à televisão, e não o hábito de ler.

Assim que aprendi a ler tomei gosto pela leitura, principalmente de gibis da Barbie e da Turma da Mônica. Tinha coleção de gibis da Barbie, lia antes de dormir, no banheiro. Lia tanto aqueles mesmos gibis que algumas histórias eu chegava a decorar. Além de ler esses gibis, também tinha um escritor, manezinho da Ilha, Nilson Mello, que sempre apresentava suas obras no colégio em que estudava, Curso Primário São José. Tinha coleção desses livros, sempre esperava ansiosamente para

a sua visita ao colégio. Meus pais não exigiam leitura, mas contribuíram sempre que eu quisesse comprar um livro, principalmente do referido autor. Minha mãe me deu uma coleção de livros infantis Coleção Pró-Criança 84 do governo do Estado de Santa Catarina, dos quais sempre lia também. No ensino fundamental fui estimulada a ler para as fichas de leitura, principalmente da Coleção Turma da Mão Preta, era uma febre entre os pré-adolescentes do final da década de 1990. Na biblioteca do Educandário Imaculada Conceição era uma disputa para pegar os livros dessa coleção. Além de livros para a ficha de leitura, lia muito sobre matérias curriculares, História, Geografia, Inglês, Biologia. Nós fazíamos muitos trabalhos em que exigiam muita leitura de diversos materiais, inclusive a Barsa.

No ensino médio eu mudei de colégio e tive que me readaptar ao sistema de ensino. Não havia mais fichas de leitura, e não tínhamos tantos trabalhos como antes. Mas senti um novo estímulo, conhecer a nova biblioteca do Instituto Estadual de Educação. Foi nesse período que li muitos livros de Machado de Assis e José de Alencar. Acabei adquirindo para arquivo próprio os livros, Lucíola, Ana Terra, de Luiz Fernando Veríssimo. Nesse período conciliava os livros de escritores clássicos com os estudos de aula. Tenho adoração por literatura espírita e por conta disso li algumas obras da Zíbia Gasparetto. Outro autor que li bastante no início do ensino médio foi Sidney Sheldon, tenho alguns livros dele em casa, ganhei de uma vizinha.

Quando chegou o ano do vestibular, 2004, eu li todos os livros que estavam previstos, nessa época dividia meu tempo entre terceiro ano do ensino médio e cursinho pré-vestibular à noite. Como eu tinha apenas a tarde livre estudava para as provas do colégio e para o vestibular quando tinha mais tempo.

Infelizmente não passei no vestibular esse ano, mas no ano de 2005 fiz apenas cursinho pré-vestibular à noite e passava o dia inteiro estudando, no segundo semestre. No primeiro semestre li todas as 10 obras que estavam na lista para o vestibular, inclusive Os Sertões, de Euclides da Cunha, literatura complexa e de linguagem arcaica. Ainda referente à preparação para o vestibular, assistia a telejornais para me manter atualizada e fazia aulas extras de redação, uma vez por semana produzia uma redação e posterior discussão com professoras capacitadas do cursinho pré-vestibular Energia.

Quando ingressei na Universidade Federal de Santa Catarina, para cursar Ciências Contábeis, no primeiro semestre de 2006, minha vida com a leitura mudou totalmente. Só me preocupava com as matérias da faculdade. Estudava de manhã e fazia estágio na maior parte da faculdade a tarde, e apenas me restava à noite para estudar para provas e fazer muitas leituras sobre o meu curso de graduação. Tinha em mente que quando acabasse a faculdade iria ter tempo para literaturas que gostaria de voltar a ler, como os livros espíritas, ler revistas de atualidade, como a Veja; mas em menos de 6 meses estava eu em sala de aula novamente, para fazer cursinho para concurso público.

E estou nessa situação até o momento, mesmo entrando na UFSC no ano de 2012 continuo estudando para conseguir melhores carreiras profissionais. Ainda tento conciliar meu tempo com a leitura da revista Veja, mas nem sempre consigo. Também estou terminando minha pós-graduação em Administração, Gestão Pública e Políticas Sociais. Leio os textos para as aulas e faço as provas quinzenalmente. Estou terminando a monografia também, que exige bastante leitura na área de prestação de contas. Como sou servidora nova, ainda

estou aprendendo muita coisa, as leituras que faço para estar mais envolvida com meu cargo de contadora da UFSC, são legislações sobre o tema de Orçamento, e procuro me inscrever em cursos na área.

Até tenho muita vontade de ler assuntos de interesse, porém a falta de tempo não me permite. Sobre cinema, assisto pouco, pela falta de tempo, tempo me dedicar aos estudos. Todavia, uma paixão que tenho é a música, freqüento shows de MPB em teatros principalmente, o último que fui foi o do Djavan. Televisão, assisto antes de dormir programas de entretenimento da televisão aberta, seriados e novelas, para me distrair.

NILTON JORGE DE QUADRA

Nasceu em Florianópolis, SC, mas com pouco mais de um ano de idade mudou-se com os pais para São Vicente, no estado de São Paulo. Voltou a residir em Florianópolis há quatorze anos. Bacharel em Letras - Alemão, e Licenciado em Letras - Português, atua na UFSC como Assistente em Administração desde setembro de 2011.

LEITOS E RASURAS MINHAS

Meus pais tiveram pouquíssima instrução: ambos mal completaram o que seria a 4ª série do que hoje chamamos de Ensino Fundamental. Ainda assim, tive na minha mãe a figura inspiradora para desenvolver o hábito da leitura. Muito curiosa e com ânsia de aprender, não era difícil ver minha mãe apegada a algum tipo de texto, seja de uma revista, de um jornal ou de algum livro. Ela também contava algumas histórias, às vezes, das quais muito me encantava. Do meu pai, no que tange às leituras, guardo a lembrança da época em que ele era motorista de caminhão de um “Ferro-Velho” e trazia para mim e minha mãe, muitos gibis, revistas e livros que encontrava entre os papéis para reciclagem. Dessa forma, posso dizer que tive uma “pré-alfabetização” e um despertar para a leitura já cedo.

O engraçado é que pouco me recordo de experiências de leitura na escola, durante a infância. Pelo menos de leitura prazerosa. O que vem mais fácil à mente são os “exercícios de leitura”, no qual o professor pedia a cada aluno que lesse trechos de determinado texto contido no livro de português. Lembro-me, sim, das leituras que eu mesmo buscava, ou recebia por intermédio de um tio e uma tia que eram pouco mais velhos do que eu e que costumava visitar uma vez ao ano (morávamos em Estados diferentes). Foi por essa ocasião, com 8 ou 9 anos, que li pela primeira vez um livro, reunião de textos de humor, de Luís Fernando Veríssimo, “O Rei do Rock”, se não me engano. E foi na pré-adolescência que li alguns títulos da “Coleção Vaga-Lume”.

Juntamente com o interesse pela leitura, havia o interesse pela música. E, assim, na adolescência – época da rebeldia – o interesse pelo rock, determinada vertente do rock, o que outrora chamavam de underground, guiou minhas leituras. Ávido por saber tudo o que era possível no tempo em que não existia internet, li muitas reportagens e resenhas de discos de bandas que eu admirava em revistas do gênero. Por sorte, a crítica musical daquela época possuía um repertório vasto de referências literárias e não se furtavam de citá-las em seus textos. Os artistas que eu gostava escreviam letras para suas canções influenciados por leituras de determinadas obras. Juntou-se a isso uma paixão precoce pelo cinema (e dá-lhe a assistir filmes, a ler sobre os filmes) e por quadrinhos alternativos, e todo um universo se me apresentou, clamando para ser desbravado: fiz leito na Literatura.

Ingressei na Universidade bem mais tarde que a maioria dos jovens, sem ter cursado o Ensino Médio regularmente (abandonei o Ensino Médio após o 1º ano e bem posterior

prestei exames supletivos para obter o “diploma”). O curso só poderia ser Letras. Mas como tudo em minha vida segue uma linha tortuosa, minha primeira graduação foi em Letras Alemão. Na sequência, sentindo necessidade de um maior aprofundamento em Literatura, fiz outra graduação, dessa vez Letras Português. E então dos textos literários – os romances, os poemas, os contos, etc. – eu pulei aos textos teóricos e filosóficos. E muitos pensadores passaram a ser minha maior fonte de prazer. E neles reli o mundo que já havia lido e rasurei tudo a fim de reescrever meu mundo. Eles, os “pensadores” ajudaram-me nas minhas rasuras e nas minhas reescrituras.

Mas, como já havia mencionado, minha vida segue uma linha tortuosa e, após graduar-me pela segunda vez e até mesmo chegar a iniciar um Mestrado, larguei a pretendida carreira de profissional das letras para assumir um cargo técnico administrativo em prol de suprir necessidades que minha vida pessoal me impunha. No entanto, se por ora possa parecer dormente, não morreu a paixão pela palavra criativa, pelo texto crítico, pela imagem prenhe de significados. Ficou a paixão pela Literatura, pela crítica, pelos pensadores, pelo cinema, pela música, por tudo aquilo que pode/quer/pede/ordena ser lido. E continuo, de modo mais solitário, a ser interpelado pelos “textos”, ainda a fazer leito e cometer rasuras.

RAQUEL BERNADETE MACHADO

Nasceu em Florianópolis no dia 21//11/1974. Nascida e criada no bairro Costeira do Pirajubaé, em Florianópolis. Formada em Biblioteconomia (1997), com especialização em Gestão de Unidades de Informação (2011) e mestranda do Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação pela UDESC. Atua como bibliotecária na Biblioteca Central da UFSC desde setembro de 2011.

MINHA VIDA DE LEITORA

Desde pequena sempre me interessei pelos contos de fadas. Gostava de assistir na "sessão da tarde" as histórias clássicas. Algumas foram marcantes e até influenciaram minha formação e desenvolvimento como pessoa. Destaco a história de Chapeuzinho Vermelho, João e Maria e Os Três Porquinhos. Mas a que ficou mais na lembrança sempre foi Pinóquio, o menino que mentia e que se perdeu de seu pai era ao mesmo tempo um alegre e feliz em busca de aventura. De certa maneira sempre nos identificamos com alguma coisa da história.

Não tive muito incentivo quando pequena especificamente com relação à leitura. Minha família não tinha este hábito e, portanto, não tive o prazer de compartilhar leituras no meio familiar. No entanto, isto não apagou o meu interesse pelos livros e pelas estórias. Já na idade escolar cresceu o interesse pelos livros e pela leitura. Lembro bem quando minha mãe me levou à livraria para comprar meu primeiro livro. Foi um da coleção "Gato e Rato", cujo título era "O rabo do gato". Nem bem saí da livraria, enquanto minha mãe pagava o livro, "devorei" a história antes de chegar em casa. Na escola, encantava-me com as dezenas de livros disponíveis na pequena sala improvisada como biblioteca. Algumas histórias lembro até hoje por serem de aventura, humor e alegria e que me despertavam a imaginação. "A limpeza de Teresa" e "O ônibus musical" eram as minhas preferidas.

Meus pais queriam ver os filhos estudando e procuravam dar o melhor para que isso se concretizasse. Os vendedores de enciclopédias que iam na escola oferecer seus produtos sempre convenciam meu pai e ele comprava os mais diversos materiais para deixar à disposição na pequena biblioteca de casa. Sempre fui muito curiosa e quando assistia aos programas de TV com a família, sempre perguntava o significado de alguma palavra diferente que aparecia e meu pai sempre dava a mesma instrução: "Dá uma olhadinha no dicionário, filha". E lá ia eu buscar no dicionário (aquele comprado com os vendedores na escola). Todas aquelas palavras incompreensíveis para o meu ainda limitado conhecimento eram desvendadas nas páginas do dicionário grande, pesado, de capa dura preta. E de tanto receber a mesma sugestão para olhar no dicionário acabei ampliando meu vocabulário e criando gosto pela leitura que me proporcionava tanto saber.

Tornei a biblioteca de casa o local favorito de minhas brincadeiras. E a brincadeira mais vivenciada era a de me fazer passar por bibliotecária, fazendo pesquisas, procurando livros e fazendo empréstimos fictícios com meus usuários de biblioteca imaginários.

A vida nos leva por caminhos muitas vezes inimagináveis e o que era brincadeira acabou virando profissão. Entrei na vida acadêmica no curso que, a princípio não era o mais querido por mim, mas acabei ficando, identificando-me e adorando. Fiz biblioteconomia como segunda opção e depois a adotei por paixão. Tivemos uma professora logo no início do curso que nos mostrou que poderia ser uma profissão muito gratificante e já sentenciou: “Vocês futuros bibliotecários precisam começar a ter sua própria biblioteca”. Foi assim que comecei a adquirir meus primeiros livros de estudo e de trabalho. Os livros técnicos foram meus guias para obter sucesso, estudando regularmente para os concursos públicos.

No entanto, não são apenas os livros técnicos que fazem parte da minha vida de leitora. Os livros de ficção, os romances, os eróticos, os de crônica, os policiais, além de revistas variadas sempre me chamaram a atenção. Já li de tudo um pouco, Fernando Sabino, Rubem Fonseca, Agatha Christie, Jô Soares, Luís Fernando Veríssimo, entre tantos outros... Mas um em especial, me chamou atenção para um assunto, que até então, eu considerava muito maçante, coisa de intelectual. O mundo de Sofia abriu minha cabeça e me fez ter um outro olhar para a filosofia. É um livro desafiador. Tentei por três vezes e somente na última tentativa, consegui ler do início ao fim. É um livro para ler com calma e com alma. Acredito que na minha trajetória de leitora foi o livro que mais me fez perceber

realmente o sentido da leitura na vida das pessoas: abrir os horizontes da mente!

RENATA BROCKER

Nasceu em Porto Alegre, RS, no dia 21 de outubro de 1977. Mora no bairro da Trindade, em Florianópolis. Formada em Secretariado Executivo Bilíngue pela UFSC. Secretária Executiva da UFSC desde fevereiro de 2010 e atualmente Secretária Executiva da Direção Geral do HU.

A LEITURA EM MINHA VIDA

Da minha infância em Porto Alegre/RS, me recordo que antes de dormir, quando ainda não tinha aprendido a ler, meu pai cantava canções infantis, mas no momento somente lembro da música "a canoa virou". E quando eu era um pouquinho maior, eu tinha o hábito de ler os livros "O lobo mau e os três porquinhos", "A branca de neve e os sete anões", "Alice no país das maravilhas" e "O patinho feio", sempre fui bastante emotiva e este último era um dos que mais me fazia chorar.

No ensino fundamental, eu li os livros da série vaga-lume, e na minha adolescência, li alguns dos livros de Paulo Coelho: "O alquimista", "Brida", "O diário de um mago", "Na margem do Rio Piedra". Na época, após ler diversas críticas a respeito do autor, decidi não ler mais seus livros. Na preparação

para o vestibular, o cursinho que eu frequentava preparou o resumo de todos os livros que estavam no edital do vestibular de 1995, assim pude me dedicar as outras matérias.

Na graduação em Letras - Inglês/Português, era comum ter que ler alguns livros e fazer resumo ou discuti-los em aula, alguns autores clássicos brasileiros e outros estrangeiros, os que mais me marcaram foram José Saramago, Joseph Conrad, James Joyce, José de Alencar e Machado de Assis. No setor em que eu atuo, leio o Regimento Geral, o Estatuto da Universidade, Resoluções e o Código de Ética do Servidor Público Federal.

Na minha vida cotidiana, o meu livro de cabeceira é a Bíblia Sagrada e no momento estou relendo o livro "A cabana". Não sou uma leitora assídua de livros, mas sempre estou lendo a respeito de assuntos do meu interesse ou que preciso ter mais conhecimento.

RICARDO JUNCKES

Nasceu em Florianópolis, SC, no dia 19 de junho de 1980. Reside no bairro Capoeiras. Formado em Edificações pela Escola Técnica Federal de Santa Catarina em 1998 e em Engenharia Civil pela UFSC em 2004. Atualmente cursando mestrado em Engenharia Civil na UFSC. Atua na UFSC desde dezembro de 2011 como fiscal de contratos de construção de edificações da UFSC no Departamento de Fiscalização de Obras DFO.

AUTOBIOGRAFIA

Nasci em Florianópolis em 1980, minha mãe era faxineira e o meu pai pedreiro, ambos alfabetizados somente até a quarta série do ensino fundamental. Durante a minha infância, tive pouco contato com a leitura, meus pais, por possuírem um grau de instrução muito baixo, não estimulavam esta prática, muito menos adquiriam livros. O pouco contato que tinha ocorria na casa de colegas, quando brincávamos e olhávamos alguns gibis, ou quando meu pai comprava um jornal para ver os

classificados, eu aproveitava e folheava para ver as figuras e desenhos.

Lembro-me que quando fui alfabetizado adorava ler todos os cartazes e placas publicitárias nas ruas quando passeávamos. Já na escola, que possuía uma biblioteca singela, mas com alguns livros interessantes, principalmente aqueles de ficção, meus prediletos, era estimulado pelos professores a ler livros semanalmente, o que nem sempre o fazia. Nesta escola certa vez li um livro chamado “Em Busca de Tesouros no Fundo do Mar”, que me marcou pelo modo que a leitura acontecia, ao final de cada capítulo havia uma decisão a ser tomada, ao qual lhe levava para um ou outro capítulo da história, assim a leitura ocorria de forma saltitante entre os capítulos com a possibilidade de vários finais.

O período em que cursei o segundo grau (atual ensino médio), principalmente no último ano, foi a época de minha vida que mais me dediquei à leitura, lia os diversos livros da relação do temido vestibular, adquiria revistas semanalmente para estar por dentro das atualidades, sem contar que lia apostilas e mais apostilas.

Ao cursar a graduação em engenharia civil, o foco das leituras mudou, passou a ser de livros técnicos, artigos, revistas e tudo aquilo voltado para a engenharia, da qual sou apaixonado. Como dedicava muito tempo ao estudo das disciplinas, raramente lia outros assuntos, geralmente utilizava o pouco tempo que sobrava para praticar algum esporte ou assistir um filme.

Na universidade, desenvolvendo minhas atividades, as leituras recorrentes são geralmente documentos burocráticos como contratos, especificações de serviço, processos administrativos. Quando surgem demandas técnicas do qual

necessito suporte, busco informações em revistas e artigos científicos.

Confesso que o hábito da leitura prazerosa não está plenamente desenvolvido em mim, leio pouco, mas atualmente sou muito incentivado pela minha esposa, que é uma leitora apaixonada e não passa um dia se quer sem um livro em na cabeceira de sua cama.

Atualmente leio os livros do autor Dan Brown, O Símbolo Perdido, Ponto de Impacto, Fortaleza Digital, suas histórias de ficção científica me proporcionam uma leitura muito agradável.

Tenho um filho de três anos, chamado Gabriel, ele possui uma estante em seu quarto, cheia de livros. Todos os dias à noite, após as brincadeiras, escolhemos um livro e eu faço a leitura para ele.

RICARDO LUIZ AKIRA NISHIMURA

Nasceu em São Paulo, capital, no dia 10 de agosto de 1972. Mora em Florianópolis. Formado em Administração de Empresas em 1995 pelas Faculdades Metropolitanas Unidas, com o título de especialista em Sistemas de Planejamento e Gestão Empresarial pela UFSC em 2013. Na UFSC desde julho de 2011, atua como administrador no Hospital Universitário, no Serviço de Controle Financeiro.

EU E MINHA VIDA DE LEITOR

Não me recordo muito bem, afinal são mais de quarenta anos vividos, mas farei esforço para fazer da minha experiência, um depoimento de incentivo à leitura.

Antes dos seis anos não tenho recordações exatas, além de fotos. Entretanto lembro-me do meu primeiro livro, o meu próprio álbum do aniversário de um ano. Forçando um pouco mais a memória, encontrei uma imagem, esmaecida em flashes de episódios, época que eu tinha quatro ou cinco anos. Minha tia, irmã caçula do meu pai, contava a história do “momotaro-

sam”. Trata-se de um conto japonês, sobre um menino, que veio à Terra dentro de um pêssego (“momo”) gigante que vinha descendo a corredeira abaixo e foi colhido por um casal de idosos que sempre quiseram ter filhos, mas cujo desejo jamais havia sido experimentado. A criança explicou que havia sido enviado para ser o filho que tanto desejaram, assim recebeu o nome “Taro”. A história se desenrola em um ambiente de fábula, ensinando o bem diante do mal.

Na idade escolar, antigo primeiro e segundo graus, me lembro da difícil tarefa de ler livros. Dona Leise Marques Cleto Duarte, minha professora de português da quinta série, nos obrigavam a ler um livro por mês. Como isso era chato, até decorei o nome inteiro da severa, mas competente professora. Ao final de 12 meses, eu havia lido quase toda a coleção do Cachorrinho Samba, da autora Maria José Dupré. Hoje, posso confessar que eu pulava algumas páginas para encurtar o caminho do fim da leitura, muito embora eu não recomende fazê-lo.

No colegial, atual ensino médio, continuou a obrigação de ler livros, mas com o objetivo de uma boa classificação na

FUVEST, vestibular da USP. Não sei se foi exclusivamente em função dos livros, ou a falta deles, mas só passei na FMU – Fui Mal na USP – digo, Faculdades Metropolitanas Unidas.

Na faculdade, a leitura era teórica e pesada, sobre temas técnicos e assuntos profissionais. Daí não teve jeito, tive que ler, ler muito para correr atrás de um sofrido sete. Nota 10 só Deus. Nota 9 só o professor do meu professor. Nota 8, o meu professor. Aluno não tirava mais que a notável nota sete.

A trajetória de vida me ensinou que a leitura faz parte da vida. É uma necessidade e está no cotidiano da criança, do adolescente, do estudante, do profissional de qualquer área de atuação.

Ora, se a leitura será necessária, seja para ler gibi, revista, livro, os folders de shows, o cardápio do restaurante, o outdoor, a música da igreja, o close caption da TV digital, que a façamos de uma maneira que seja a mais prazerosa possível.

Se a leitura será para sempre, que tal a encararmos como fonte de sabedoria, capaz de trazer enriquecimento pessoal e profissional?

RONIVALDO STEINGRABER

Nasceu em Rolândia, PR, no dia 23 de Julho de 1976. Cresceu e estudou em Curitiba. Atualmente reside em Florianópolis. Formado em Ciências Econômicas em 1998 pela UFPR, possui Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Atua como professor no Departamento de Economia e Relações Internacionais e no Programa de Pós-Graduação em Economia da UFSC desde 2011.

AUTOBIOGRAFIA

Nasci em Rolândia, interior do Paraná. Sou de uma família alemã, o ano era 1976, no inverno. Aos cinco anos fui morar com minha família em Curitiba, o que abriu as oportunidades de leitura e contatos.

Minha família é protestante, o que determinou minhas primeiras leituras na infância de temas religiosos, como a Bíblia e livros infantis religiosos, como a história de Daniel na Cova dos Leões, Moisés e o Mar Vermelho.

Quando comecei a ir para a escola, em Curitiba, minha família recebeu uma caixa de livros da minha avó materna.

Eram livros escolares antigos dos meus tios, minha mãe era a segunda mais velha de um total de dez irmãos. Meus tios ao terminarem a escola, que no interior ia até o segundo grau, mandaram os livros para nós e eu comecei a ler livros de História e Geografia principalmente bem mais adiantados que as minhas leituras de criança na fase de alfabetização.

Aprendi a gostar da leitura científica, fiquei curioso e antes de ir para a escola já sabia o que estudaria. Meu rendimento escolar aumentou, mas os livros se acabaram, pois li todos.

Nunca tive o hábito de frequentar bibliotecas, sempre morei na periferia e meus pais nunca tiveram o hábito de leitura, o único incentivo que tive foi a caixa de livros dos meus tios.

Estacionei na leitura, preferi explorar a música, sempre gostei de ouvir música.

Apenas no Segundo Grau, por obrigação, tive que ler livros na disciplina de Literatura, como os romances de Machado de Assis, Érico Veríssimo. Gostei dos livros que li.

Comecei a ler os livros obrigatórios do vestibular da UFPR, que incluía Graciliano Ramos, Machado de Assis, um autor de Londrina que não me recordo o nome, mas achei interessante. Adorei os livros de Clarisse Lispector, Kafka, Graciliano Ramos e a poesia de Manuel Bandeira e Cecília Meireles.

Na faculdade me aprofundei nas leituras sobre Economia e História. Li as obras dos principais economistas no original e aprendi a ler em inglês, o que me abriu a oportunidade de ler mais obras sobre Economia.

Nas aulas de inglês comecei a ler Shakespeare em inglês, gostei de várias obras, como Hamlet e Henrique, Rei Lear e Macbeth.

Na pós-graduação comecei e ler mais livros de matemática e obras mais avançadas. Cultivo atualmente o hábito de ler obras fora do meu trabalho de ensino e pesquisa, mas sempre com temas ligados a História e outras ciências.

ROSANA DEBIASI

Nasceu em Criciúma no dia 16 de agosto de 1985. Mora em Florianópolis desde 2004. Formada em Arquitetura e Urbanismo em 2010 pela UFSC. Atua como arquiteta no Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia desde junho de 2012.

LEITURA DA INFÂNCIA ATÉ OS DIAS DE HOJE

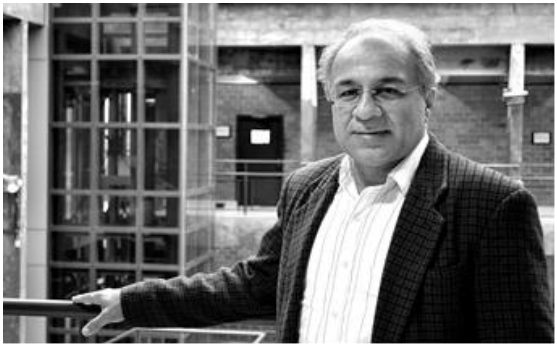
Durante o início da minha infância, não lembro muito sobre o que lia. Não sei se meus pais liam ou não histórias para que eu pudesse dormir. Somente com uns seis anos de idade, lembro dos meus pais no sofá lendo revistas semanais e que eu gostava de ler livros com gravuras, como gibis da Turma da Mônica.

Na escola básica recordo que uma vez por semana os alunos iam para a biblioteca pegar um livro emprestado. Na pequena biblioteca via uma mesa com livros espalhados, o que despertava a minha curiosidade pela leitura. Então acabava sempre pegando toda semana um livro emprestado e lia em casa.

Já no ensino médio, a leitura foi focada em autores como Machado de Assis, Lima Barreto, e depois em livros focados para o vestibular da UFSC. Sempre gostei de ler os livros que eram indicados ao vestibular, em alguns deles era possível verificar algum questionamento, crítica que serviria para a minha vida. Um autor que bastante me influenciou nesse período foi Machado de Assis, no qual foi mostrado um ponto de vista da sociedade burguesa, que vive de aparências e faz amizades por interesse.

Durante o período que entrei na universidade no ano de 2004 para cursar arquitetura e urbanismo na UFSC até 2010 quando me formei, as leituras foram em livros com assuntos relacionados aos trabalhos que desenvolvi nas disciplinas de urbanismo e história da arquitetura. Já no trabalho aqui na UFSC, no qual ingressei como arquiteta em junho de 2012, as leituras se resumem a normas de arquitetura.

ROSEMBERGUE SOUZA



Nasceu em Tubarão no dia 01 de janeiro de 1958. Mora em Florianópolis. Formado em administração, atua como assistente em administração na UFSC desde 1983.

DRIBLANDO AS DIFICULDADES DA VIDA...

Nasci em Tubarão em 01 de janeiro de 1958, somos em dois, eu e uma irmã. Vivi num bairro operário que na época era distrito de Tubarão. O bairro operário cresceu e se emancipou, hoje é conhecido como município de Capivari. Era curioso desde pequeno, muito levado, como diziam na época para as crianças mais ativas e inquietas.

Como era de costume nesta época, os pais pensando na melhor educação, aos sete anos de idade me matricularam num colégio interno em São Ludgero. O colégio era administrado por padres e freiras, não havia chuveiro quente, muitos internos adoeciam. O processo educacional era arcaico e repressivo,

alunos que não tinham boas notas, seus nomes apareciam em quadros que ficavam a mostra.

O objetivo de tal exposição seria para que todos tomassem conhecimento de que aqueles eram inferiores. Felizmente minhas notas eram boas, não tive esse desprazer. Após três anos, devido a algumas doenças, me livrei deste lugar horrível e fui para casa. A partir deste momento, nada poderia ser ruim, afinal o que é pior do que o inferno? Minha vida melhorou, meu pai costumava ter muitos livros, descobri aí uma janela para o mundo. Não parava de ler, foi uma fase de muitas descobertas, havia livros de todos os tipos, os temas eram variados.

Fui terminar o curso primário numa escola de freiras, o colégio São José, em Tubarão. Felizmente, para minha sorte, eram religiosas mais equilibradas, o colégio era muito bom, haviam muitos recursos, tais como laboratórios, quadras de esporte e material didático, biblioteca, etc. Foi uma época boa, havia muito estímulo à leitura, para mim foi bom, pois já estava no embalo. Terminado o primário, fui matriculado no que era chamado o melhor colégio da região, o colégio Dehon, em Tubarão. Era um ótimo colégio, havia muitos recursos.

Mais uma vez me deparei com a velha exposição dos que tiravam notas baixas, havia o quadro de honra e o quadro negro. Tive algumas incursões no quadro negro, porém na maioria das vezes, estive fora do quadro de honra, pois estes, eram os que tiravam notas muito altas. Afinal, fiquei a maior parte do tempo no limbo. Não posso negar que esses padres eram eficientes e tinham uma didática fenomenal, mas não concordo com essa prática da exposição dos alunos.

Após concluir o ginásio, foi implementado o centro intercolegial integrado de Tubarão (CICIT). Ocorreu uma fusão

de três colégios, cada um seria responsável por uma determinada área do conhecimento. O colégio Dehon cuidava das disciplinas ligadas às ciências físicas e matemáticas, o colégio São José ficou com a área das línguas estrangeiras e português, e por último, o colégio Galotti com as disciplinas de geografia e história.

A fusão dos três colégios não deu certo, porém tive o prazer de voltar a estudar no colégio São José, que era o responsável pelas disciplinas de línguas. Este último, foi o melhor colégio que tive a oportunidade de estudar, havia ali muito estímulo à leitura e uma ótima infraestrutura e não havia as exposições ridículas dos alunos. Terminado o segundo grau, vamos para o vestibular, entrei na Universidade Federal de Santa Catarina em 1978, no curso de matemática, passando logo após para o curso de engenharia.

A vida não da trégua, temos que trabalhar, vamos para o concurso público. Entrei para o INAMPS após um concurso público, porém foi necessário trancar a faculdade, pois o cargo seria assumido na cidade de Tubarão. Após 6 meses, consegui uma transferência para Florianópolis, e a vida acadêmica teve início. As dificuldades eram enormes, trabalhar, estudar e namorar estava ficando cada vez mais complicado. Fiz outro concurso, agora para a UFSC, fui chamado e assumi, ficando com os dois empregos. A partir daí, não foi possível conciliar a vida acadêmica com os dois empregos, deixei os estudos e me dediquei ao trabalho e à família.

A partir de 2006 a vida ficou mais estável, os filhos criados, voltei para a UFSC e fiz o curso de administração. Não sei se foi a opção pelo trabalho, a preocupação e o cuidado com a família, mas não tive mais a mesma motivação para a leitura como no passado.

VANESSA ALMEIDA DE OLIVEIRA

Nascida em Londrina, PR, há cinco anos escolheu Florianópolis como cidade para viver sua juventude. É Biomédica, mestre em Engenharia Química e atua como servidora na UFSC desde novembro de 2011. Tem a música como combustível da vida e a incessante curiosidade acerca das relações humanas e do ser humano com o mundo que o rodeia.

AUTOBIOGRAFIA

Aprendi a ler com quatros anos, até então meu contato com a leitura era através do que as outras pessoas liam para mim, principalmente meus pais que viviam lendo contos para eu ninar e pacientemente respondiam o que significavam todas aquelas ilustrações dos livros. Com o início da minha alfabetização minha curiosidade para leitura só aumentou e tudo que tinha letras enfileiradas eu queria ler, inclusive rótulos de produtos, encartes de jornal e principalmente passar a ler eu mesma os livros que antes eles liam para mim e fazia eles me escutarem!

Já no ensino fundamental eu passei a ter contato com a leitura de textos didáticos e contato com a literatura. Toda semana ia à biblioteca escolher um livro para ler. Eu escolhia os livros pelos prefácios e ia direto à seção de literatura contemporânea. Pedro Bandeira era meu autor preferido: escrevia de forma de fácil entendimento e sempre ia direto ao ponto, sem firulas. Nessa época passei a me interessar também por mitologia grega e história dos primeiros povos da civilização. Achava genial como tudo aconteceu e a forma como todos eles explicavam os fenômenos da natureza com base no "humor" dos deuses.

De repente, não mais que de repente, me vejo no ensino médio e preparação para o vestibular. Era muita cobrança de todos os lados e muitas matérias para dar conta, além de estar atenta às atualidades do jornal impresso e do Jornal Nacional. Lembro-me bem que nessa fase tive contato com as fases da literatura brasileira e me apaixonei pelos sonetos, inclusive eu escrevera alguns em meu caderno. Nessa fase eu lia mais o que o era necessário para o vestibular. O meu foco era todo nisto.

Passado o vestibular eu ingresso na academia e aí sim minha leitura passou a ser mais restrita ainda: livros e mais livros, artigos e mais artigos e isso se estendeu até o mestrado. Eu tentava manter o hábito de ler o jornal, mas com o cansaço das pesquisas eu só conseguia ver gráficos e gráficos. Tempos difíceis. Leitura por hobby era algo raro.

Enfim chego aos dias de hoje com mais horas livres para usufruir de programas culturais que há anos ficaram estagnados. Voltei aos estudos de música, agora com mais dedicação e dei um upgrade na lista de filmes e séries que assisto para abstrair a mente. Hoje possuo tempo para ler sobre assuntos diversos e

fazer uma leitura mais prazerosa, sem compromisso com prazos e temas.

YARA MENEGATTI

Nasceu em Chapecó, SC, no dia 08/01/1971. Mora em Florianópolis. Formada em Biblioteconomia pela UDESC, Mestre em Ciência da Informação pela UFSC. Atua como bibliotecária na UFSC desde 2008.

COMO ME TORNEI A LEITORA QUE SOU

Na infância, o contato com a leitura foi mediado por minha mãe, que contava e recontava oralmente histórias para mim e para meu irmão. As histórias eram repetidas, aumentadas ou enxugadas conforme sua disposição. Além das fábulas, relatava os livros que lera, com ênfase nas histórias de faroeste da coleção Tex, filmes que assistia e fatos que vivenciara. Meu pai não era de contar histórias, mas comprava o jornal de domingo e levava a semana toda para terminar de ler. Eventualmente relatava as crônicas que lia ou contava os filmes que assistia, como O corceu negro. O acesso aos livros infantis era restrito, não haviam tantos títulos disponíveis, a oferta maior

era de histórias em quadrinhos. Meus preferidos eram Luluzinha, Urtigão e Peninha.

Iniciando o período de escolarização, passei a frequentar a biblioteca da escola, fato que contribuiu para acelerar minha alfabetização. Antes de terminar o ano, li todos os títulos disponíveis para a minha série e a pessoa que cuidava da biblioteca não autorizou o empréstimo das obras para o segundo ano, tive de esperar. Nos anos seguintes a leitura se tornou um hábito, aproveitei todas as oportunidades: o livro de escoteiro de um primo, as revistas Veja que encontrava e não eram recomendadas para minha idade, os suplementos literários dos jornais, enfim todo tipo de leitura disponível. Li toda série Vaga-Lume, vários títulos de Agatha Christie e Sidney Sheldon, além das histórias de aventura, como a Ilha do tesouro. Também li os romances que uma tia comprava para quando a filha fosse moça e os livros de receita de minha mãe.

O início do ensino médio foi acompanhado pela necessidade de definir para qual curso optaria no vestibular, o que só aconteceu na última semana do período de inscrição, três anos mais tarde. Era final da década de 1980, estudava-se toda a literatura brasileira, pois não eram indicados títulos de obras específicas. Nesta fase passei a retirar livros na biblioteca pública do município e passei a adquirir livros do Círculo de Leitura, editora que enviava, via correio, catálogos das obras publicadas. Por meio destes catálogos tive acesso à obra dos principais autores da literatura nacional e universal, o que serviu de referência na escolha das próximas leituras, não mais por hábito e sim por gosto. Convém lembrar que não se dispunha da internet, as informações eram garimpadas em várias fontes. Esta vivência certamente influenciou a escolha de cursar Biblioteconomia, embora não seja possível ler tudo que se tem

vontade em uma biblioteca. Os autores lidos neste período dos quais mais me lembro são Jorge Amado, Érico Veríssimo, Fernando Sabino, Ignácio Loyola Brandão e Manuel Bandeira.

No primeiro semestre da faculdade me deparei com a disciplina de literatura portuguesa, e foi como se um novo caminho se abrisse. No semestre seguinte, durante um longo período de greve, passei muitas tardes na biblioteca pública do estado lendo. Foi um período de descobertas interessantes, passei a ler autores brasileiros que durante o colégio não me cativavam, como Graciliano Ramos, e também novos gêneros de leitura, como o conto e a poesia. Percebi que cada tipo de texto provocava emoções diferentes, e que não era preciso optar por um em detrimento dos demais, todos se completavam. Aproximei-me de Hemingway, Kundera, Ferreira Gullar e também Cecília Meireles. Nesta fase, no decorrer do curso, passei a distinguir a leitura técnica da leitura de fruição, aprendi que o fato de estar escrito não torna o texto verdadeiro, que é preciso questionar e, em alguns casos, desconfiar. Entendi, ainda, que a literatura é uma expressão da arte que devemos conhecer.

Do mestrado, uma das lembranças mais marcantes é a indicação de leituras. Mesmo tendo alguns anos de experiência profissional foi como descobrir um mundo novo de autores, conceitos e ideias. Outra lembrança bastante presente é de abrir mão da leitura de fruição, obras de literatura, cinema e revistas, em prol das leituras indicadas pelos professores. Dentre as obras que me aguardam na estante de casa estão Vargas Llosa, Manguel e Dickens

Tento administrar a angústia de não ser capaz de ler tudo que quero, o que não é fácil quando se trabalha em uma biblioteca. A forma que encontrei de lidar com isto é organizar

listas: lista das obras dos autores que gosto, dos autores indicados nas leituras que faço, dos filmes recém-lançados, dos indicados ao Oscar, ao Palma de Ouro, dos clássicos que todos deveriam assistir, das exposições disponíveis no período... É desnecessário dizer que as listas aumentam rapidamente, que toda visita à livraria ou sebo, toda edição de jornal do domingo implica acréscimos na relação dos títulos.

No momento, estou lendo a obra ficcional de Umberto Eco. A partir da leitura de uma entrevista concedida pelo autor me propus a ler sua obra na sequência de publicação. Tem sido uma experiência bem agradável, embora às vezes eu insira outros títulos na sequência a que me propus. Concordo com a afirmação de Freire, de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, mas penso que a leitura da palavra possibilita aprofundar a leitura do mundo. Por meio da leitura podemos vivenciar novas experiências, conhecer outros pontos de vista e refletir sobre inúmeras situações, ou seja, ler o mundo de forma crítica.

POSFÁCIO

A ARTE DO DIÁLOGO

Quando estava preparando este posfácio, não consegui inicialmente definir o fio condutor. O que dizer aqui para valorizar o trabalho de tantas pessoas? Entre uma reunião e outra na Reitoria, o texto foi sendo construído...

Em primeiro lugar, é importante registrar a gratidão e também elogiar e parabenizar a todos(as) os(as) autores(as) pelas crônicas, narrativas, enfim, por "seus escritos". Em segundo lugar, gostaria de partilhar, com os escritores e leitores do Cronicar, "nuances" de minha vida como gestora pública, reflexões presentes no meu cotidiano.

Inicio este partilhar lembrando o diálogo final da obra "As cidades invisíveis", de Italo Calvino. Trata-se de uma recomendação de Marco Pólo ao Rei dos Tártaros Kublai Kan, quando este manifesta preocupação com a preservação de seu império, comparando sua perda a uma situação infernal. Marco Pólo[1] diz:

> O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas; aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas; tentar saber reconhecer quem e o que,

---

[1] CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 150.

> no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Esse fragmento de texto é inspirador no meu dia a dia à frente da Reitoria da UFSC, pois Italo Calvino "teimosamente" nos lembra que, para que o desespero e a descrença não sejam vitoriosos na sociedade contemporânea, é preciso enfrentar e manter a capacidade de acreditar que é possível fazer diferente, que é possível enfrentar as dificuldades, que é essencial encontrar saídas e, muitas vezes, construir o novo para superar as adversidades que enfrentamos. Apesar de tudo, continuar esperançando...

Como Kublai Kan, podemos compartilhar temores de perdas de impérios que nem sempre são nossos. Neste momento, surgem alguns riscos que devem ser lembrados e superados. Por exemplo: podemos nos envolver em disputas imediatas por status, espaços que não controlamos, que não nos pertencem, mas a vaidade pode se abater sobre nós, tornando-se maior que nossa capacidade de discernimento. Agindo assim, é provável que se instale a desconfiança, a cizânia, um mal-estar que pode desgastar as relações entre as pessoas nos vários ambientes em que vivemos, deteriorando nossas forças e o respeito para com os semelhantes.

Neste sentido, a comunicação é uma estratégia poderosa para lidar com conflitos e diferenças entre as pessoas. A comunicação eficaz fortalece os relacionamentos em benefício de um conjunto, e os bons comunicadores, conforme os estudos da psicologia organizacional advertem, são aqueles que "sabem ouvir", algo que é mais complicado do que se pensa, pois, para alcançar tal aptidão, é preciso exercitar a "paciência". O ouvinte eficaz não só escuta as palavras em si, como também seus

significados subjacentes. Ele interage com o interlocutor no sentido de desenvolver os significados e chegar à compreensão. Outra capacidade importante é “saber lidar” com os sentimentos de contrariedade, com as opiniões diversas. O sucesso do funcionamento de uma equipe de trabalho está diretamente ligado à eficácia da comunicação entre seus membros. Não basta falar bem, utilizando corretamente as regras gramaticais. Há necessidade de muito mais! É preciso mobilizar nossos recursos internos e externos para facilitar a arte do diálogo, que não é um simples despejar de palavras: é ir ao encontro, é abster-se de “julgamentos precipitados”, dando chance para a troca democrática de ideias, propiciando um clima de confiança e bem-estar, que, acredito, em muito contribui para o fortalecimento da Universidade e da sociedade. Quando não dialogamos, guerreamos!

Esperançar sempre, ter sonhos e trabalhar para concretizá-los. Que as crônicas que compõem esta obra fortaleçam o sentimento e o orgulho de ser UFSC.

Roselane Neckel

Reitora da UFSC